

O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DAS CRIANÇAS DO PRÉ-ESCOLAR E DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO:

Avaliação da Linguagem Oral de um grupo de 4
e 6 anos de idade

Joana Filipa Rodrigues Formiga

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a
Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico
Março de 2016



Instituto Superior de Educação e Ciências

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DAS CRIANÇAS DO PRÉ-ESCOLAR E DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO:

Avaliação da Linguagem Oral de um grupo de 4 e 6 anos de idade

Autora: Joana Filipa Rodrigues Formiga

Orientador: Ana Patrícia Almeida

Março de 2016

Se perdesse todas as minhas capacidades, todas elas menos uma, escolheria ficar com a capacidade de comunicar, porque com ela depressa recuperaria tudo o resto...

Daniel Webster

AGRADECIMENTOS

Todo o percurso por detrás desta investigação não teria sido possível sem a ajuda de várias pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a concretização deste sonho, educar. Como tal, não poderia deixar de fazer referência às mais importantes:

Aos *Meus Pais*, um enorme obrigada por permitirem ser possível a concretização deste sonho, e por acreditarem sempre em mim, dando-me sempre força para acreditar que tudo é possível.

À *Orientadora Ana Patrícia Almeida*, pela sua paciência, disponibilidade, partilha de conhecimentos, pela sua excelente orientação, sempre clara, precisa e objetiva, pela sua total disponibilidade e por me ter transmitido calma e segurança, mesmo em momentos mais difíceis ao longo deste trabalho.

A todas as *Crianças* que fizeram parte deste meu percurso e partilharam comigo sorrisos, emoções, saberes e anseios, e permitiram a elaboração deste trabalho ao deixarem-me entrar no seu espaço.

Às *Professoras Cooperantes*, por partilharem comigo as suas aprendizagens e disponibilizarem-me toda a ajuda possível.

Ao *Bruno*, um agradecimento especial, pelo seu apoio, paciência e carinho, por estar sempre presente, acreditar em mim e respeitar toda a minha dedicação aos estudos.

Ao meu irmão *Tiago*, pela paciência e auxílio em todas as alturas mais críticas, o que me permitiu manter a esperança e perseverança durante todo este percurso.

Ao *Diogo*, que com o seu sentido de humor e amizade me alegrou nos dias mais difíceis.

À minha colega e amiga *Sara Silva*, pelo companheirismo, amizade e solidariedade que tornaram esta etapa bastante mais agradável.

A todos, um muito obrigada!

RESUMO

Diferentes e vastos são os modos através dos quais podemos avaliar a competência linguística. Apresentando uma evolução ao longo dos anos, os testes de avaliação da linguagem permitem compreender se os processos que são esperados, relativos à compreensão e produção desta, estão a ser desenvolvidos corretamente. No contexto nacional, em 1997, um teste foi adaptado por Inês Sim-Sim, no sentido de avaliar o desenvolvimento linguístico e de obter um conhecimento mais alargado sobre as crianças falantes da língua portuguesa. Considerando a importância deste desenvolvimento e da sua avaliação, procurou-se neste estudo compreender o modo como se processa o desenvolvimento da linguagem oral aos 4 e 6 anos, recorrendo-se, desta forma, ao teste de Avaliação da Linguagem Oral de Inês Sim-Sim (de 1997) para avaliar os dois grupos de crianças.

Para tal, adotámos uma metodologia de natureza qualitativa e de carácter interpretativo e recorreremos à análise estatística para analisar e avaliar as respostas obtidas nos testes aplicados às 51 crianças participantes, à observação participante e participada e à análise documental.

Quanto aos principais resultados encontrados, concluímos que não existe uma relação entre o sexo das crianças e o seu desenvolvimento linguístico e que as idades dos inquiridos têm uma estreita relação com desenvolvimento da sua linguagem oral. Para além disso, é notório um desenvolvimento positivo do domínio linguístico fonológico, a partir dos 4 anos, o que indica uma igualmente positiva preparação para o passo seguinte, a aprendizagem da leitura e escrita.

Palavras-chave

Desenvolvimento linguístico, linguagem oral.

ABSTRACT

Different and vast are the ways in which we can assess language competence. Featuring an evolution over the years, language assessment tests allow us to understand whether the processes that are expected, with regards to understanding and production, are being developed properly. In the national context, in 1997, a test was adapted by Inês Sim-Sim, to assess language development and obtain a broader knowledge about young speakers of Portuguese. Considering the importance of this development and its assessment, this study sought to understand how the development of oral language at 4 and 6 years occurs, by using the Oral Language Assessment test by Inês Sim-Sim (1997) to evaluate the two groups of children.

To this end, we adopted a methodology of qualitative and interpretative nature and resorted to statistical analysis to analyse and evaluate the responses obtained in the tests applied to 51 children participants, participant observation and participatory and document analysis.

As for the main findings, conclude that there is no relationship between the sexes and their language development and that the ages of the respondents have a close relationship with the development of oral language. Furthermore, there is a clear positive development of phonological linguistic competence, from the age of 4, indicating an equally positive preparation for the next step, the learning of reading and writing.

Keywords

Language development, oral language.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract.....	vii
Índice geral	ix
Índice de Quadros	xiii
Índice de Tabelas	xv
Índice de Gráficos.....	xvii
Lista de abreviaturas/ siglas.....	xix
Introdução	1
CAPÍTULO 1	3
Desenvolvimento da Linguagem oral.....	3
1. Linguagem	3
1.1 O que é a linguagem?	3
1.2 Qual a importância do desenvolvimento da linguagem.....	3
1.3 Distinção entre comunicação, linguagem e fala	4
1.4 Como se adquire e desenvolve a linguagem oral da criança	4
1.5 Abordagens teóricas.....	9
2. Avaliação do desenvolvimento da linguagem	11
CAPÍTULO 2	17
PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA	17
1. Problema, objetivos e questões de investigação	17
1.1 Problemática	17
1.2 Objetivos da Investigação	18
1.3 Questões de Investigação.....	18
2. Paradigma	19

3. Participantes.....	20
4. Instrumentos de recolha de dados	21
4.1 Observação participante.....	21
4.2 Análise documental	21
4.3 Teste de Avaliação da Linguagem Oral.....	22
5. Tratamento e análise de dados	36
CAPÍTULO 3	39
Resultados.....	39
1. Relação idade/desempenho como indicador de avaliação	39
1.1 Subteste – Definição verbal	40
1.2 Subteste – Nomeação.....	40
1.3 Subteste – Compreensão de estruturas complexas	41
1.4 Subteste – Complemento de frases	42
1.5 Subteste – Reflexão morfossintática.....	42
1.6 Subteste – Segmentação e reconstrução segmental	43
2. A consistência interna de cada subteste	45
3. Análise da dificuldade apresentada por cada item	46
3.1 Subteste – Definição verbal	47
3.2 Subteste – Nomeação.....	48
3.3 Subteste – Compreensão de estruturas complexas	49
3.4 Subteste – Complemento de frases	50
3.5 Subteste – Reflexão morfossintática.....	50
3.6 Subteste – Segmentação e reconstrução segmental	51
4. A Relação entre a idade o sexo e a frequência no 1.º CEB das crianças e as médias de desempenho em cada subteste.....	55
CAPÍTULO 4	59
Considerações finais	59

1. Contributos da investigação para o avanço do conhecimento	59
2. Desenvolvimento pessoal e profissional	62
3. Sugestões de melhoria e investigações futuras	62
Referências bibliográficas	65
ANEXOS	69
ANEXO 1 – Definição verbal	
ANEXO 2 – Nomeação	
ANEXO 3 – Compreensão de estruturas complexas	
ANEXO 4 – Complemento de frases	
ANEXO 5 – Reflexão morfossintática	
ANEXO 6 – Segmentação e reconstrução segmental: Bloco A	
ANEXO 7 – Segmentação e reconstrução segmental: Bloco B	
ANEXO 8 – Segmentação e reconstrução segmental: Bloco C	
ANEXO 9 – Segmentação e reconstrução segmental: Bloco D	

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Testes de Avaliação da Linguagem: Versões estrangeiras	13
Quadro 2 – Testes de Avaliação da Linguagem: Versões portuguesas	15
Quadro 3 – Organização estrutural dos subtestes, por domínios e capacidades	22
Quadro 4 – Distribuição dos subtestes por grupos etários	23

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Cotações do subteste Definição verbal	25
Tabela 2 – Cotações do subteste Nomeação.....	26
Tabela 3 – Cotações do subteste Definição verbal	322
Tabela 4 – Definição verbal- Média e Desvio-Padrão	40
Tabela 5 – Nomeação- Média e Desvio-Padrão	41
Tabela 6 – Compreensão de estruturas complexas - Média e Desvio-Padrão.....	41
Tabela 7 – Complemento de frases- Média e Desvio-Padrão	42
Tabela 8 – Reflexão morfossintática- Média e Desvio-Padrão	43
Tabela 9 – Reconstrução silábica- Média e Desvio-Padrão	43
Tabela 10 – Reconstrução fonémica- Média e Desvio-Padrão.....	44
Tabela 11 – Segmentação silábica- Média e Desvio-Padrão.....	44
Tabela 12 – Segmentação fonémica- Média e Desvio-Padrão	45
Tabela 13 – Alfa de Cronbach de cada subteste	46
Tabela 14 – Índice de dificuldade de cada item por idade	47
Tabela 15 – Ordenação dos itens por índice de dificuldades	47
Tabela 16 – Índice de dificuldade de cada item por idade	48
Tabela 17 – Ordenação dos itens por índice de dificuldades	48
Tabela 18 – Índice de dificuldade de cada item por idade	49
Tabela 19 – Ordenação dos itens por índice de dificuldades	49
Tabela 20 – Índice de dificuldade de cada item por idade	50
Tabela 21 – Ordenação dos itens por índice de dificuldades	50
Tabela 22 – Índice de dificuldade de cada item por idade	51
Tabela 23 – Ordenação dos itens por índice de dificuldades	51
Tabela 24 – Índice de dificuldade de cada item por idade	51
Tabela 25 – Ordenação dos itens por índice de dificuldades	52
Tabela 26 – Índice de dificuldade de cada item por idade	52
Tabela 27 – Ordenação dos itens por índice de dificuldades	52
Tabela 28 – Índice de dificuldade de cada item por idade	53
Tabela 29 – Ordenação dos itens por índice de dificuldades	53
Tabela 30 – Índice de dificuldade de cada item por idade	53
Tabela 31 – Ordenação dos itens por índice de dificuldades	54

Tabela 32 – Classificação da dificuldade dos subtestes, por idades.....	54
Tabela 33 – A variável sexo	55
Tabela 34 – A variável sexo- ANOVA	55
Tabela 35 – A variável idade- escalão etário (participação em meses).....	56
Tabela 36 – A variável idade- escalão etário (participação em meses) - ANOVA	56

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Definição Verbal	40
Gráfico 2 – Nomeação.....	40
Gráfico 3 – Compreensão de Estruturas Complexas	41
Gráfico 4 – Complemento de Frases	42
Gráfico 5 – Reflexão Morfossintática	42
Gráfico 6 – Reconstrução Silábica	43
Gráfico 7 – Reconstrução Fonémica	44
Gráfico 8 – Segmentação Silábica.....	44
Gráfico 9 – Segmentação Fonémica.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS/ SIGLAS

DAL – Dispositivo para Aquisição da Linguagem

JI – Jardim-de-Infância

1º CEB – Primeiro Ciclo do Ensino Básico

ONU – Organização das Nações Unidas

PES I – Prática de Ensino Supervisionada I

PES II – Prática de Ensino Supervisionada II

SVO – Sujeito-Verbo-Objecto

ANOVA – Analysis Of Variance (Análise de Variância)

TRI- Teoria de Resposta ao Item

INTRODUÇÃO

Todos, quer sejam animais racionais ou irracionais, necessitamos da comunicação para nos fazermos entender e sermos entendidos. Assim, sendo evidente a importância da comunicação, é fácil perceber o porquê de todos os seres, cada um à sua maneira, a ter desenvolvido até à forma como a conhecemos hoje. Contudo, e embora a comunicação seja de todos, a linguagem verbal é uma característica apenas do ser humano, tornando-o um ser único dentro do reino animal.

No contexto de jardim-de-infância (JI), onde a investigadora realizou a Prática de Ensino Supervisionada I (PES I), com um grupo de quatro anos, foi possível verificar que todas as crianças recorriam naturalmente aos vários tipos de comunicação para transmitir as suas ideias e pensamentos. No entanto, na linguagem oral era notória a existência de dificuldades em determinadas crianças, o que, num caso em particular, dificultava a sua compreensão.

Este fator fez-nos debruçar sobre quais poderiam ser os motivos que levavam à existência de dificuldades na linguagem oral, em algumas crianças do grupo, apesar de estarem todas inseridas num ambiente escolar igual e expostas às mesmas atividades. Mas, após um maior convívio com o grupo, rapidamente percebemos que os motivos iam dos mais pessoais (como o facto de os pais gostarem de falar de modo “abebezado” com os filhos) aos mais simples (por exemplo a existência, no grupo, de crianças que tinham como língua materna o português da variedade brasileira¹). Porém, ficou a curiosidade sobre a linguagem oral, a primeira linguagem verbal que acomete o Homem, principalmente sobre como esta se desenvolve consoante determinadas idades das crianças, pelo que decidimos destacá-la e tentar percebê-la.

Deparamo-nos com a linguagem oral desde o nosso primeiro dia de vida que, dentro de um ambiente familiar, se vai alargando e desenvolvendo, tornando-se cada vez mais elaborada e indispensável para a vida em sociedade e para a aquisição de novos conhecimentos. O seu estudo é considerado dos mais espantosos e fascinantes do desenvolvimento infantil, devido à sua forte relação com o pensamento, a memória e o raciocínio. No entanto, a tentativa de explicar o seu processo e o que a caracteriza é ainda

¹ Costa, J. M. (2013). *Gramática Prática de Português: 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. Lisboa: Raiz Editora.

um assunto de interesse e de investigações pertinentes. Como refere Ferreira (2008, citado por Afonso 2011), a linguagem a que as crianças estão expostas parece seguir uma sequência de etapas independentes, pelo que, mesmo quando partilham um mesmo contexto, a linguagem é adquirida em ritmos diferentes.

Como forma de se explicar o fenómeno de aquisição e desenvolvimento da linguagem foram desenvolvidas diversas teorias, bastante diferentes entre si, que atribuíram uma maior importância aos aspetos biológicos ou a fatores relacionados com o meio em que a criança se encontra inserida. Assim, podemos afirmar que cada uma à sua maneira teve influência na forma como explicamos este conceito. Como forma de aprofundar o conhecimento sobre como se desenvolve a linguagem oral, foi aplicado um teste de Sim-Sim (2014, adaptado).

Exposto o objetivo genérico da nossa investigação, importa explicitar o plano que seguimos para a sua realização, isto é, a estrutura do presente trabalho, que foi organizada da seguinte forma: Introdução, onde revelamos, de forma simples e sintetizada o tema escolhido, como surgiu o mesmo, qual o seu objetivo, e a estrutura deste trabalho e Quatro capítulos, sendo que no capítulo 1, repartido em dois tópicos, é elaborado o quadro de referência teórico, onde são apresentados e discutidos os conceitos teóricos que sustentam esta investigação; no capítulo 2 é explicada a metodologia utilizada, incluindo a problemática, o objetivo, as questões de investigação, o paradigma, os participantes e os instrumentos de recolha de dados, bem como todos os processos desenvolvidos; No capítulo 3 são apresentados os resultados obtidos e é revelada uma pequena discussão dos mesmos; No capítulo 4 são expostas as considerações finais, ou seja, é apresentada uma reflexão sobre os resultados referidos no capítulo anterior, de acordo com três pontos distintos: os contributos da investigação para o avanço do conhecimento, o desenvolvimento pessoal e profissional sobre a investigação realizada e as sugestões de melhoria e investigações futuras; e, por fim, nos últimos capítulos são apresentadas as referências bibliográficas consultadas e os anexos, que incluem os materiais utilizados.

CAPÍTULO 1

DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL

1. Linguagem

1.1 O que é a linguagem?

O que dá ao ser humano uma capacidade evolutiva superior às das demais espécies é a sua linguagem, “um procedimento que permite a comunicação entre os seres” (Acabado, 1993, p.85). Podemos, mesmo, perceber como a evolução ao longo dos séculos foi generosa para o ser humano, tendo-lhe dado esta importante capacidade de, através da linguagem, falar e comunicar com os da sua espécie, distinguindo-o dos animais irracionais. Desta forma, e tendo em conta que “a coisa mais humana de que dispomos é a linguagem, e dispomos dela para comunicar” (Fontane, s.d., citado por Pieterse, 2008, p.14), podemos definir linguagem como “uma capacidade especificamente humana que nos permite entrar na mente do outro e, de forma simbólica, lá deixar uma mensagem” (Pinker, 1994, citado por Sim-Sim 2001, p.12).

1.2 Qual a importância do desenvolvimento da linguagem

Após percebermos o que é a linguagem (oral) surge uma questão, “qual a sua importância?”. Assim, como resposta a esta questão, e segundo Pieterse (2008), podemos afirmar que o desenvolvimento da linguagem ocorre por diferentes motivos, dos quais poderemos destacar:

- Para estabelecer contacto com outras pessoas.
- Para poder transmitir e receber informações importantes.
- Para lidar com o significado e compreendermos as coisas de forma interativa.
- Para poder aprender ou ensinar – quando comunicamos, influenciamos o outro.
- Para desenvolver a capacidade de pensamento crítico, para organizarmos e formularmos os nossos pensamentos de forma lógica e criativa.
- Para expressar as nossas emoções e pensamentos em palavras e para responder às emoções e pensamentos dos outros impacientemente.
- Para poder compreender as reacções e atitudes dos outros.
- Para poder utilizar e interpretar uma forma de linguagem comum.
- Para aprender a utilizar a linguagem como uma ferramenta poderosa. (Pieterse, 2008, p.10)

Posto isto, é importante salientar o facto de que, embora bastante interligados entre si, os conceitos de linguagem, comunicação e fala são independentes e, contrariamente ao que se possa pensar, não são sinónimos.

1.3 Distinção entre comunicação, linguagem e fala

Ainda pequenos, os seres humanos começam por aprender a comunicar e, de forma gradual, vão desenvolvendo a sua linguagem até chegarem ao que chamamos de “fala”. Desta forma, “uma criança pode comunicar sem ter adquirido linguagem ou fala” (Robert, 2013, p.34).

A comunicação humana representa, portanto, a transmissão de uma mensagem de uma pessoa para outra, podendo ocorrer de diferentes formas de entre dois tipos: a comunicação não-verbal, que ocorre através de formas físicas de comunicação como os gestos, o contacto visual ou a linguagem corporal e a comunicação verbal, que envolve o contacto e interação entre indivíduos, tendo por base uma linguagem comum que pode ser oral ou escrita.

Por sua vez, a linguagem, uma forma de comunicar através de símbolos (falados, escritos, gestuais,...), corresponde ao sistema utilizado para representar pensamentos e ideias e a fala, a expressão verbal da linguagem, representa o ato motor de a transmitir.

Em suma, “a fala é parte da linguagem e a linguagem parte da comunicação” (Cordeiro, 2014, p.315).

1.4 Como se adquire e desenvolve a linguagem oral da criança

Para se perceber como se desenvolve e adquire a linguagem oral na criança, é necessário perceber primeiramente como surge a linguagem, sendo que esta ocorre em duas diferentes fases, o período pré-linguístico e o período linguístico.

O período pré-linguístico, que corresponde geralmente ao primeiro ano de vida da criança, é, segundo Rigolet (2000), extremamente relevante, uma vez que é durante este período que a criança inicia as vocalizações (choro, riso, palreio e lalação) e desenvolve as capacidades de discriminação (que permitem diferenciar os sons da fala). Na verdade, “O 1.º ano de vida é de uma importância fundamental para todo o desenvolvimento

socioafectivo do bebé; ele deverá criar autoconfiança nas suas competências comunicativas e fornecer-lhe bases sólidas para o seu desenvolvimento linguístico harmonioso” (Rigolet, 2006, p.34).

Por sua vez, o período linguístico corresponde ao momento em que a criança se inicia na pronúncia das primeiras palavras, isto é, quando a criança começa a falar palavras isoladas com compreensão. É neste período que ocorrem diversas mudanças que possibilitam a chegada a uma linguagem oral harmoniosa ou, como afirma Sim-Sim et al. (2008), “holística e articulada” (p.24).

No entanto, e uma vez que este período corresponde a um grande número de aquisições complexas, “é possível distinguir diversos domínios [que surgem posteriormente aos períodos anteriores] que, interrelacionados, apresentam especificidades próprias” (Sim-Sim et al., 2008, p. 24) que, segundo Ruiz & Ortega (1993), permitem o desenvolvimento da linguagem oral. Destes, destacam-se determinados domínios tais como o desenvolvimento lexical, o desenvolvimento sintático e o desenvolvimento fonológico, que ocorrem, evoluindo e progredindo de forma gradual, durante toda a vida.

É, ainda, relevante o domínio das capacidades recetivas e expressivas para um desenvolvimento positivo da linguagem oral. As primeiras, responsáveis pela capacidade de compreender a palavra falada, e as expressivas, que correspondem à capacidade de se expressarem verbalmente, proporcionam à criança, após esta adquirir a aptidão de compreender conceitos e de adquirir unidades significativas de experiências, a capacidade de comunicação (Lima e Almeida, 2007, p.1).

[Em suma,] Adquirir e desenvolver a linguagem implica muito mais do que aprender palavras novas, ser capaz de produzir todos os sons da língua ou de compreender e de fazer uso das regras gramaticais. É um processo complexo e fascinante em que a criança, através da interação com os outros, (re) constrói, natural e intuitivamente, o sistema linguístico da comunidade onde está inserida, (...), apropria-se da sua língua materna. Ao mesmo tempo que adquire a língua materna, a criança serve-se dessa língua para comunicar e para, simultaneamente, aprender acerca do mundo. (Sim-Sim et al., 2008, p.11)

1.4.1 Domínio linguístico – Lexical

O domínio lexical é uma capacidade que poderemos entender como sendo uma característica de todos, uma vez que a linguagem supõe, entre diferentes saberes

gramaticais, o domínio do léxico da língua, domínio esse que corresponde ao conjunto de conhecimento que todos os falantes possuem acerca da sua língua materna.

De acordo com o Dicionário Terminológico (citado por Laranjeira, 2013, p.12), o léxico corresponde ao:

conjunto de todas as palavras ou constituintes morfológicos portadores de significado possíveis numa língua, independentemente da sua atualização em registos específicos. O léxico de uma língua inclui não apenas o conjunto de palavras efetivamente atestada num determinado contexto (cf. vocabulário), mas também as que já não são usadas, as neológicas e todas as que os processos de construção de palavras da língua permitem criar.

Deste modo, podemos afirmar que o léxico de uma determinada língua não é contável, isto é, que o conhecimento individual que cada falante tem das palavras impossibilita a sua discriminação e registo em documentos oficiais (Pacheco, 2011, citado por Laranjeira, 2013, p.12).

Assim, embora a aquisição lexical se inicie nos primeiros anos da criança, é somente por volta dos cinco que apresenta um crescimento mais significativo, depois de determinadas áreas gramaticais, tais como a morfológica e a sintática, estarem desenvolvidas e praticamente estabilizadas (Kuczaj, 1999, citado por Laranjeira, 2013, p.21). Deste modo, por volta dos seis anos de idade, a criança já apresenta um léxico extenso, permitindo-lhe conversas sobre uma grande variedade de temas (Sim-Sim, 1998). Nesta faixa etária o léxico da criança (ou vocabulário dominado por esta) envolve cerca de 14 000 palavras até à sua entrada na escola, altura em que se regista um aumento significativo do léxico, cerca de 3 000 palavras por ano, uma vez que a criança é exposta a sensivelmente 10 000 ou mais palavras por ano (Sim-Sim, 1998).

No entanto, e como refere Sim-Sim (1998, p.109), o desenvolvimento lexical, que se inicia antes da produção das primeiras palavras, é um processo contínuo e deslumbrante, que se prolonga por toda a vida do sujeito e cujos efeitos se refletem nas interações sociais e nas aquisições escolares, como é o caso da compreensão da leitura.

Para um bom desenvolvimento deste domínio, é importante a criança alargar o conhecimento que tem sobre o significado das palavras. Em suma, e de acordo com Pacheco (2011), “o processo de aquisição lexical não se resume à aquisição de palavras isoladas. À medida que as crianças alargam o seu léxico vão aprendendo as diferentes relações semânticas que existem entre as palavras” (citado por Laranjeira, 2013, p.22).

1.4.2 Domínio linguístico – Sintático

O domínio sintático refere-se ao modo como as palavras se podem organizar entre si para produzirem frases bem formadas na língua. Este domínio refere-se à capacidade que os falantes têm de decidir se uma frase é gramatical (bem formada segundo as regras da língua) ou agramatical (não aceitável) (Rodrigues, 2015, p.9).

No fundo, o domínio sintático corresponde à área da linguística que se ocupa da estrutura das frases e dos seus constituintes, tendo como alicerce o domínio da “capacidade para julgar gramaticalmente uma frase, corrigindo-a (se for caso disso) e justificando a correção” Sim-Sim (1998, p.241).

Para que este domínio se desenvolva de forma harmoniosa e positiva, tendo início por volta do primeiro ano de vida da criança e decorrendo durante toda a infância, é necessário conhecer um conjunto de princípios que são adquiridos através das propriedades da linguagem humana e de regras específicas da organização frásica dessa língua, regras essas que são extraídas, pelas crianças, do ambiente linguístico em que vivem e que lhe possibilitam compreender o que ouvem e produzir frases para que seja compreendida.

- **Domínio morfológico**

Dentro da componente do domínio sintático, encontramos o domínio morfológico que, de acordo com Carlisle (2000, citado por Seixas, 2007, p.12) diz respeito à reflexão e manipulação intencional da estrutura morfológica da língua ou seja, “da formação das palavras, suas flexões, suas funções e relações nas frases” (Correa, 2005, citado por Seixas, 2007, p.12).

Desta forma, podemos perceber que as palavras isoladas com as quais a criança inicia o desenvolvimento da sua linguagem são, na verdade, orações com apenas uma palavra, que estão ligadas a uma ação real (Machado, 1994). Isto é, quando a criança diz, por exemplo, a palavra “água”, poderá estar a dizer “quero água”, uma vez que ainda não é capaz de produzir um enunciado da dimensão de uma frase (Machado, 1994).

Assim, “se a palavra isolada designa um objeto e o generaliza, a frase é a expressão de um pensamento, de um juízo determinado” (Machado, 1994, p.1) ou seja, a frase ou a oração representam o resultado da união de palavras isoladas. No entanto, é importante ter em conta que “certas palavras são apenas elementos de um grupo de palavras mais complexo” (Machado, 1994, p.1), o que significa que existem palavras que necessitam de

outras palavras ou morfemas, as menores unidades linguísticas que têm significado próprio, que as complementem de modo a terem significado.

Em suma, o domínio morfológico refere-se à capacidade de associação de constituintes morfológicos, os morfemas (todas as palavras são formadas por morfemas), tendo em conta as suas propriedades. Uma capacidade que permite que as palavras se organizem em unidades de significado mais amplas e de acordo com regras específicas, de organização das palavras em frases, que fazem parte do conhecimento sintático que é apreendido pela criança durante toda a infância.

1.4.3 Domínio linguístico – Fonológico

O domínio fonológico é, segundo Freitas et al. (2007, citado por Barreira, 2012):

[...] a capacidade de explicitamente identificar e manipular as unidades do oral. Se pensarmos na unidade palavra, a capacidade que a criança tem de a isolar num contínuo de fala e a capacidade que tem de identificar unidades fonológicas no seu interior é entendida como expressão da sua consciência fonológica. (p.13).

Este domínio, que se apresenta como um importante fator facilitador para a aprendizagem formal da leitura e da escrita (Sim-Sim, 1998), apresenta-se como um conhecimento que permite reconhecer e analisar, de forma consciente, todos os tipos de sons que compõem o sistema de uma determinada língua (Sim-Sim, 1998, p.225) e é composto por diferentes tipos de unidades fonológicas, dos quais se destacam as sílabas e os fonemas. As primeiras, as sílabas, ou mais propriamente a capacidade para isolar as sílabas (SA-PA-TO), revelam o domínio da consciência silábica, por sua vez, a capacidade para isolar fonemas (S-A-P-A-T-O), ou sons da fala, revela consciência fonémica ou segmental.

Desta forma, e sendo esta a capacidade mais exigente da consciência fonológica, este domínio é o último a ser adquirido pela criança e o mais lento, uma vez que a “ [...] aptidão para deliberadamente prestar atenção e identificar as unidades mínimas da língua, é vagarosa, difícil, requer muita prática e beneficia largamente do processo de aprendizagem da leitura” (Sim-Sim, 1998, p.235).

1.5 Abordagens teóricas

No entanto, e uma vez que a aquisição da linguagem é um processo deveras importante na vida do ser humano, é fácil perceber o porque de terem surgido diferentes opiniões e teorias sobre como é adquirida e desenvolvida a linguagem na criança. Na verdade, desde o início do século e até aos dias de hoje, o modo de abordar a aquisição da linguagem foi mudando, de acordo com as perspetivas teóricas e com os avanços metodológicos que aconteceram (Castro e Gomes, 2000). Das diversas abordagens que envolvem a aquisição da linguagem – behaviorista, inatista e cognitivista – destacaremos os principais teóricos que as defendem e os seus pontos de vista.

1.5.1 Abordagem behaviorista – Skinner

Skinner é o mais famoso psicólogo defensor da hipótese behaviorista, ou comportamentalista, uma teoria de investigação que procura estudar objetivamente o comportamento humano e dos animais. Para os comportamentalistas, e como o nome indica, a aprendizagem é um comportamento observável e é o resultado de associações entre estímulos e respostas. Segundo “Skinner, praticamente todo o comportamento humano, não apenas a aprendizagem, podia ser explicado pelas relações estímulo-resposta, as quais podiam ser estudadas eficazmente por meio da observação do comportamento animal” (Stenberg, 2000, p. 29).

No que diz respeito à linguagem, os behavioristas acreditam que o seu desenvolvimento resulta do processo de associação estímulo-resposta-reforço, em que o meio onde as crianças estão inseridas exerce um papel fundamental na estabilização do comportamento linguístico. Isto é, esta teoria pressupõe que a criança assimila as associações estímulo-resposta e, assim, desenvolva as suas competências linguísticas. Ou seja, o ambiente fornece os estímulos, a criança fornece as respostas, e durante a sua produção linguística estas são recompensadas pelos adultos, que fomentam o aumento do repertório linguístico do aprendiz de falante. É desta forma que os behavioristas explicam toda a aprendizagem humana - existem estímulos do meio mas também existem respostas por parte das crianças, se as respostas são reforçadas, o comportamento instala-se. Sharon James em "Normal Language Aquisition" (1990, citado por Hinz, 1991) apresenta-nos um exemplo esclarecedor desta afirmação: Quando uma criança diz “mamã” a sua mãe,

feliz em ouvir isso, pega-a ao colo e afaga-a. Esta atitude é agradável para a criança e aumenta a probabilidade desta repetir a fala. A este comportamento damos o nome de reforço. Por outro lado, se a criança diz “mamã” quando a sua mãe não está presente, não obterá nenhuma resposta da mãe e compreenderá que mamã refere-se apenas àquela pessoa em específico. Deste modo, aprende a comportar-se de determinada forma na presença de um estímulo particular (a mãe), fazendo a associação do referente (mãe) com o padrão de sons (mamã).

O lado negativo desta teoria é que os behavioristas tendem a enfatizar a influência do meio e ver a criança com um recetor passivo da linguagem, desprezando o seu papel no processo de aprendizagem. Isto é, segundo Sim-Sim (1998)

o conhecimento linguístico do sujeito não é objecto de interesse dos behavioristas; a preocupação e pesquisa dirige-se apenas à realização verbal conseguida. O crescimento linguístico é visto como uma progressão que vai da produção aleatória de sons à comunicação verbal estruturada, a qual é atingida através dos processos gerais de aprendizagem, isto é, o condicionamento clássico, o condicionamento operante e a modelação por imitação. (p. 299)

1.5.2 Abordagem inatista – Chomsky

A teoria inatista, proposta por Chomsky em 1965, surgiu como forma de compreender determinadas questões que o behaviorismo não conseguia explicar, acabando por contrapor as abordagens comportamentalistas. Para os inatistas, o desenvolvimento define-se fundamentalmente pelas programações genéticas dos indivíduos, isto é, “a criança desenvolve-se não porque aprende um conjunto de respostas, mas porque herdou uma organização mental que lhe permite detectar no meio a que é exposta as regularizações que conduzem às regras do conhecimento, qualquer que ele seja.” (Sim-Sim, 1998, p. 301).

Assim, segundo os inatistas, o processo de aquisição da linguagem das crianças ocorre num curto espaço de tempo, numa sequência idêntica independentemente da cultura, raça ou grupo social, porque a criança nasce preparada para tratar da informação linguística que a rodeia e cria estruturas que são características da nossa espécie. No fundo, os inatistas acreditam que, no que diz respeito à linguagem, as crianças nascem com um mecanismo cerebral inato para a sua aquisição, denominado Dispositivo para Aquisição da Linguagem (DAL).

1.5.3 Abordagem cognitivista – Piaget

Por sua vez, a teoria cognitivista surgiu, em 1987, como uma forma de interligar as abordagens anteriores, uma vez que não descarta os princípios pelos quais as teorias behavioristas e inatistas se regem. Para os cognitivistas, pode existir influência do meio no desenvolvimento, bem como um mecanismo de aquisição da linguagem, no entanto, consideram que existem predisposições gerais inatas que são potenciadas pelo meio e que para existir desenvolvimento linguístico é necessária a existência de organização ao nível do cognitivo, ou seja, a aquisição da linguagem está dependente da existência de competências cognitivas, nomeadamente a função simbólica.

Para os cognitivistas, a linguagem ocorre uma vez que o crescimento das capacidades cognitivas possibilita o desenvolvimento das habilidades linguísticas, sendo que “o aparecimento das palavras emerge com o funcionamento simbólico e o uso da linguagem com o pensamento conceptual” (Sim-Sim, 1998, p. 304). Isto é, de acordo com Sim-Sim (1998), os teóricos cognitivistas defendem que “A essência é o desenvolvimento cognitivo, e o desenvolvimento linguístico da criança depende, portanto, da respectiva evolução cognitiva.” (p. 303).

Para Piaget, responsável pela criação do cognitivismo, a linguagem depende da função semiótica, ou seja, da capacidade de a criança distinguir o significado do significante. Assim, e como afirma Sim-Sim (1998), para Piaget a linguagem é um instrumento do pensamento, pelo que

Entre a linguagem e o pensamento existe assim um círculo genético, de tal modo que um dos dois termos se apoia necessariamente no outro, numa formação solidária numa perpétua acção recíproca. Mas ambos dependem, no fim de contas, da própria inteligência que, essa sim, é anterior à linguagem e independente dela. (p. 309)

Em suma, e de acordo com Sim-Sim (1998):

Para uns – os behavioristas – a linguagem é um comportamento verbal, aprendido por imitação e reforço, cabendo, portanto, ao meio um papel decisivo; outros – os inatistas – defendem que a capacidade para a linguagem é geneticamente herdada e que a criança, munida dessa capacidade, reconstrói a língua da comunidade em que cresce; para outros – os cognitivistas – a linguagem é um instrumento do pensamento e, por isso, o desenvolvimento linguístico está dependente do desenvolvimento cognitivo. (p. 333)

2. Avaliação do desenvolvimento da linguagem

Devido à grande importância que a linguagem revela, é importante conhecer e compreender os processos que são esperados, em cada etapa, relativos à compreensão e

produção desta, de modo a podermos identificar se a criança se encontra a desenvolver a linguagem de acordo com o que seria esperado. Para tal, foram criados diferentes tipos de testes de avaliação, dos quais falaremos de seguida, que pretendem detetar se existem dificuldades nas crianças e, desta forma, perceber se estas se encontram num desenvolvimento positivo, ou não.

Segundo Viana (1993) “existem, essencialmente duas metodologias diferentes para a avaliação da linguagem: [a] primeira consiste em analisar o discurso espontâneo das crianças; a segunda tem a ver com o emprego de situações estruturadas, isto é, de provas especialmente concebidas para o efeito.” (p. 38). A metodologia do discurso espontâneo consiste no registo, posteriormente analisado, de produções linguísticas produzidas pelas crianças em diferentes contextos, uma forma normalmente mais utilizada para destacar as dificuldades das crianças e não a forma como estas se desenvolvem a nível da linguagem. Por sua vez, a avaliação através de provas recorre à aplicação de testes estandardizados cujos itens foram especialmente concebidos para analisar, de forma relevante, diferentes aspetos da produção linguística das crianças. Assim, no Quadro 1 apresentamos um breve resumo de alguns instrumentos, ou situações estruturadas, utilizados no estrangeiro, para a avaliação da linguagem.

No entanto, e uma vez que estas avaliações foram criadas para uma população não portuguesa, foram surgindo alguns testes de avaliação da linguagem com o objetivo de preencher esta lacuna. Contudo, o número de testes disponível é, ainda, escasso muito devido, possivelmente, às dificuldades metodológicas na avaliação da linguagem em idades tao pequenas.

Na verdade, os primeiros testes eram meramente informais, e os técnicos/avaliadores realizavam as suas avaliações tendo em consideração os seus conhecimentos e experiências pessoais. Mais tarde, e uma vez que não existiam testes nacionais, começou-se a observar uma crescente procura pela utilização de instrumentos traduzidos do inglês para o português. Só mais recentemente, e tendo em conta a necessidade sentida a este respeito, foram surgindo alguns instrumentos de avaliação da linguagem das crianças criados tendo em conta a população portuguesa. No Quadro 2 apresentamos os instrumentos existentes em Portugal, do qual destacamos o teste criado por Inês Sim-Sim, em 1997, por ser acessível, de fácil entendimento, por abranger uma grande faixa etária e ir ao encontro do que pretendemos avaliar nesta investigação.

Quadro 1

Testes de Avaliação da Linguagem: Versões estrangeiras²

Data de criação/ lançamento	Idade alvo	Nome do Teste	Autores	Área (s) ou competência (s) avaliada (s):
1986	4-8 anos	Wepman Auditory Discrimination Test	J. Wepman e W. Reynolds	Capacidade discriminativa de fonemas.
1959-1965	2-6 anos	Peabody Picture Vocabulary Test	L. Dunn e L. Dunn	Conhecimento semântico.
1961-1968	4-8 anos	Illinois Test of Psycholinguistic Abilities	S. Kirk, J. McCarthy e W. Kirk	Capacidades psicolinguísticas, avaliando os canais de comunicação, os processos psicolinguísticos e os níveis de organização.
1969-1971	3-7 anos	Northwestern Syntax Screening Test	L. Lee	Capacidade de processar e reproduzir estruturas e transformações
1977-1982	4-8 anos	Test of Language Development	P. Newcomer e D. Hammill	Capacidade de compreensão das palavras, definição das palavras, compreensão de estruturas sintáticas, construção de frases, uso de regras morfológicas - discriminação auditiva e articulação.
1978	3-5 anos	Preschool Assessment Instrument	M. Blank, S. Rose e L. Berlin	Capacidades linguísticas da criança.
1980	3-5 anos	Test de Vocabulaire Actif et Passif	J. Deltour e D. Hupkens	Nível de competência verbal.
1980-1983	4-9 anos	Clinical Evaluation of Language Functions – Screening Tests	E. Semel e E. Wiig	Potenciais dificuldades no processamento e produção da linguagem.
1981-1984	3-6 anos	Clark-Madison Test of Oral Language	J. Clark e C. Madison	Capacidade expressiva da criança.
1981	3-7 anos	Test of Early Language Development	W. Hresko, D. Reid e D. Hammill	Performances linguísticas identificando as crianças com níveis inferiores às dos seus pares.
1984-1986	3-6 anos	Bracken Basic Concept Scale	B. Bracken	Aquisição de conceitos básicos.

² Adaptado de Silva, 2014, p.27.

1987	3-8 anos	Test of Examining Expressive Morphology	K. Shirpley, T. Stone e M. Sue	Desenvolvimento morfológico.
1995	0-4 anos	The Pragmatics Profile of Everyday Communication Skills in Pre-school Children	H. Dewart e S. Summer	Capacidades pragmáticas de comunicação do quotidiano
1998	3-6 anos	Kindergarten Language Screening Test (second edition)	S. Gauthier e C. Madison	Capacidade da criança demonstrar conhecimento pré-escolar comum, como entender perguntas, seguir ordens, comparar e contrastar objetos e usar a fala espontânea.
1999	3-6 anos 7-21 anos	Comprehensive Assessment of Spoken Language	E. Carrow-Woolfolk	Habilidades de processamento da linguagem (compreensão, expressão e recuperação) em quatro categorias da estrutura da linguagem: semântica, sintática, morfológica e pragmática.
2003	4 anos - adulto	Test for the Reception of Grammar	D. Bishop	Compreensão da linguagem
2010	3-6 anos	Auditory Skills Assessment	D. Geffner e R. Goldman	Desenvolvimento da linguagem, identifica precocemente as crianças que se apresentem em risco de défices de habilidades auditivas e/ou dificuldades de alfabetização precoce.
2011	0-7 anos	Preschool Language Scale (fifth edition)	I. Zimmerman, V. Steiner e R. Pond	Desenvolvimento da linguagem, através de habilidades pré-verbais em interação com a linguagem emergente.

Quadro 2

Testes de Avaliação da Linguagem: Versões portuguesas³

Data de criação/ lançamento	Idade alvo	Nome do Teste	Autores	Área (s) ou competência (s) avaliada (s):
1997	3-9 anos	Teste de Avaliação da Linguagem Oral	I. Sim-Sim	Expressão oral através de itens lexicais, conhecimento de regras sintáticas e metalinguísticas.
1997		Teste de Articulação Verbal	I. Guimarães e M. Grilo	Sons produzidos pela criança, identificando possíveis perturbações articulatórias.
2001	A partir dos 3 anos	Teste de Avaliação da Produção Articulatória de Consoantes do Português Europeu	I. Falé e I. Faria	Produção articulatória de consoantes.
2002	5-6 anos	Bateria de Provas Fonológicas	A. Silva	Capacidade para analisar as palavras nos seus componentes sonoros.
2004	4-6 anos	Teste de Identificação de Competências Linguísticas	F. Viana	Competências linguísticas ao nível do conhecimento lexical, regras morfológicas, memória auditiva e reflexão sobre a língua.
2006	2 anos e 6 meses-6 anos	Teste de Avaliação da Linguagem na Criança	E. Sua-Kay e M. Tavares	Linguagem na área da semântica, morfossintaxe e da pragmática.
2007	A partir dos 5 anos	Prova de Avaliação da Linguagem e da Afasia em Português	S. L. Castro, S. Caló e I. Gomes	Competências ao nível do processamento fonológico, leitura, escrita, semântica de palavras e imagens e compreensão de frases.
2009	3-6 anos	Prova de Avaliação de Capacidades Articulatórias	M. Baptista	Capacidades articulatórias da fala

³ Adaptado de Silva, 2014, p.27.

CAPÍTULO 2

PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA

1. Problema, objetivos e questões de investigação

1.1 Problemática

No contexto de jardim-de-infância (JI), onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada I (PES I), foi possível observar que as crianças da sala dos quatro anos tinham uma necessidade importante e geral que era, inclusive para a educadora cooperante, uma das áreas mais importantes a ser trabalhada no decorrer do respetivo ano letivo – “a linguagem”. Neste grupo de crianças era notória a dificuldade na linguagem, ora porque revelavam, ainda, a tipicamente chamada “fala abebezada”, apresentando uma linguagem ainda imatura, ora porque recaiam ainda muito, e mesmo após a correção do adulto, na chamada generalização abusiva, isto é, “o uso de uma regra em presença de uma exceção, (...) [a] sobregeneralização (...) [o que] é muito comum durante esta fase de desenvolvimento da linguagem” (Sim-Sim et al., 2008, p.13) e era verificável em determinadas conversas com as crianças que, em vez de dizerem, por exemplo, “fiz” diziam “fazi”.

Este fator fez-nos debruçar sobre quais poderiam ser os motivos que levavam à existência de dificuldades na linguagem oral, em algumas crianças em particular do grupo, sendo que todas estavam inseridas num ambiente igual e expostas às mesmas atividades. No entanto, após um maior convívio com o grupo, percebemos que esta investigação não seria tão interessante como julgávamos, uma vez que os motivos das dificuldades na área da linguagem oral iam dos mais pessoais (como o facto de os pais gostarem de falar de modo “abebezado” com os filhos) aos mais simples (por exemplo a existência, no grupo, de crianças que tinham como língua materna o português da variedade brasileira). Porém, ficou a curiosidade sobre a linguagem oral, a primeira linguagem verbal que acomete o Homem, principalmente sobre como esta se desenvolve consoante determinadas idades das crianças, pelo que decidimos destacá-la e tentar percebê-la.

Desta forma, e após percebermos que “o período entre os três e os seis anos é caracterizado pela aquisição e consolidação das regras morfológicas básicas e pelo aumento da complexidade frásica” (Sim-Sim et al., 2008, p.22), observámos que o tema da linguagem oral no contexto escolar seria digno de abordar e, assim sendo, chegámos à problemática do desenvolvimento linguístico das crianças do pré-escolar.

No entanto, e uma vez que a PES II se realizou com uma turma de 1.º ano, o que possibilitou o contacto direto com crianças de seis anos, idade igualmente caracterizada, como já foi referido, “pela aquisição e consolidação das regras morfológicas básicas e pelo aumento da complexidade frásica” (Sim-Sim et al., 2008, p.22), optámos por alargar a problemática escolhida a esta faixa etária.

1.2 Objetivos da Investigação

A problemática seleccionada é muito complexa, pelo que foi necessário seleccionar quais os objetivos que pretendemos alcançar. Desta forma, optámos por definir como objetivos principais compreender e avaliar o desenvolvimento linguístico de um grupo de crianças de quatro e seis anos de idade.

1.3 Questões de Investigação

Tendo em conta o exposto anteriormente, emergiram as seguintes questões de investigação:

- (1) De que forma se processa a aquisição da linguagem?
- (2) Como se processa o desenvolvimento linguístico num grupo de crianças de 4 anos de idade?
- (3) Como se processa o desenvolvimento linguístico num grupo de crianças de 6 anos de idade?

2. Paradigma

Numa investigação, tão importante como definir o que será investigado é explicitar o paradigma no qual se baseia a mesma pois, segundo Bogdan e Biklen (1994) é o paradigma que permite observar o mundo e identificar o que nele é importante. Para tal, é fundamental definir o método mais adequado para responder à problemática encontrada, dependendo, segundo André (1995) “da natureza do problema que se quer investigar e das questões específicas que estão sendo formuladas” (p. 52).

Deste modo, e tendo em conta as questões de investigação às quais pretendemos dar resposta, optámos por adotar uma metodologia de natureza qualitativa e de carácter interpretativo que, tal como Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2005) defendem, “tem como objetivo a compreensão do significado ou da interpretação dada pelos sujeitos inquiridos” (p. 175).

Na verdade, a escolha do paradigma interpretativo surgiu devido ao facto de este ser considerado “um conjunto de crenças que orientam a ação (...)” (Guba, 1990 citado por Aires, 2011, p.18). Isto é, optámos pela adoção de um paradigma interpretativo por este possibilitar, ao investigador, perceber os fenómenos em estudo e ainda ter uma perceção individual de cada participante, através da observação as suas ações (Afonso, 2005).

Por sua vez, a escolha da metodologia qualitativa adotada, que é parte integrante do paradigma interpretativo, deveu-se ao facto de ser um tipo de investigação indutivo e descritivo, em que o investigador desenvolve conceitos e ideias através de padrões encontrados nos dados recolhidos e por assentar “numa visão holística da realidade (ou problema) a investigar, sem a isolar do contexto ‘natural’” (Amado, 2014, p.41). Deste modo, podemos ainda afirmar que, uma vez que a “investigação qualitativa centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores (...) [e não existe] uma preocupação com a dimensão da amostra nem com a generalização dos resultados” (Sousa e Baptista, 2011, p. 56), o maior interesse deste tipo de investigação é o próprio processo de investigação e não apenas os resultados obtidos.

No entanto, é importante referir que esta metodologia, tal como nos afirma Tuckman (2000), tem algumas características particulares que a definem e que devem ser levadas em atenção no decorrer de uma investigação, sendo elas:

(1) A situação natural constitui a fonte dos dados, sendo o investigador o instrumento-chave da recolha de dados. (2) A sua primeira preocupação é descrever e só secundariamente analisar os dados. (3) A questão fundamental é todo o processo, ou seja, o que aconteceu, bem como o produto e o resultado final. (4) Os dados são analisados indutivamente, como se se reunissem, em conjunto, todas as partes de um puzzle. (5) Diz respeito essencialmente ao significado das coisas, ou seja, ao “porquê” e ao “o quê”. (p.22)

3. Participantes

A recolha de dados desta investigação foi realizada durante os anos letivos de 2014/2015 e 2015/2016, em dois jardins-de-infância, privados, situados no concelho de Lisboa e de Mafra, e numa instituição pública de 1.º Ciclo localizada em Mafra.

Os participantes foram escolhidos por conveniência, tendo existido, no entanto, critérios de inclusão e exclusão para os mesmos. Como critérios de inclusão foram definidos: a) a obrigatoriedade de as crianças de idade pré-escolar terem entre 3 Anos e 10 Meses e 4A e 11M e as crianças de 1.º CEB terem entre 5A e 10M e 6A e 11M; b) terem o português, na variedade europeia⁴, como língua materna e c) não frequentarem, ou terem frequentado terapia da fala. Por sua vez, como regra de exclusão consideraram-se as crianças que não correspondiam às idades pretendidas ou cujos pais e encarregados de educação não autorizaram a participação nos testes aplicados.

Deste modo, do primeiro JI, onde se realizou a PES I, foram selecionadas 12 crianças que correspondiam aos critérios de inclusão. Por sua vez, no segundo JI, onde a investigadora teve oportunidade de recolher mais informação, foram selecionadas 22 crianças. Por fim, da turma de 1.º ano com a qual a investigadora realizou a PES II, participaram 17 crianças.

Em suma, esta investigação teve como participantes a investigadora, 23 crianças de quatro anos, sendo 11 do sexo feminino e 12 do sexo masculino e 28 crianças de seis anos, 15 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, subsequentemente designados por grupo dos 4 e 6 anos, respetivamente.

⁴ Costa, J. M. (2013). *Gramática Prática de Português: 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. Lisboa: Raiz Editora.

4. Instrumentos de recolha de dados

Para a presente investigação, e tendo em conta o que pretendíamos para a mesma, optámos por recorrer a distintos instrumentos que nos possibilitassem aceder às informações pretendidas. Assim, utilizaram-se como técnicas e instrumentos para a recolha de dados a observação participante, a análise documental e o Teste de Avaliação da Linguagem Oral de Sim-Sim⁵, que se dividia em seis subtestes. Para a aplicação deste ultimo instrumento, foi pedida autorização aos docentes titulares de turma e aos encarregados de educação das crianças e todos os seus subtestes foram administrados individualmente, pela investigadora, em espaços silenciosos e sossegados.

4.1 Observação participante

Segundo Sousa e Baptista (2015) a observação é uma técnica que se baseia na presença do investigador no local onde recolhe os dados de que necessita, classificando-se como participante quando o investigador “integra o meio a “investigar”” (Sousa e Baptista, 2015, p.88). Esta observação tem como principal objetivo “recolher dados (sobre acções, opiniões ou perspectivas) aos quais um observador exterior não teria acesso” (Sousa e Baptista, 2015, p.88).

4.2 Análise documental

A análise documental, que constitui uma técnica importante na investigação qualitativa (Sousa e Baptista, 2015), é um processo importante que responde, segundo Vickery (1970, citado por Simão, 2015) a três diferentes necessidades dos investigadores: (i) conhecer o que foi feito sobre uma determinada área/assunto; (ii) conhecer informação específica de algum documento em particular; e (iii) conhecer a informação relevante que exista sobre um determinado tema em específico.

Desta forma, a análise documental iniciou-se com a recolha de informação inicial, que teve como intuito a elaboração do quadro de referência teórico, e prolongou-se até ao tratamento e interpretação da informação recolhida nos testes de linguagem aplicados.

⁵ O Teste de Avaliação da Linguagem Oral, de Inês Sim-Sim, foi criado em 1997, no entanto a versão utilizada nesta investigação pertence a uma edição mais recente, publicada em 2014.

Estes passos vão ao encontro do defendido por Quivy e Campenhoudt (1992), que acreditam que o investigador, depois de fazer a recolha de dados, deve estudá-los e analisá-los atentamente, de modo a obter informações úteis e relevantes.

4.3 Teste de Avaliação da Linguagem Oral

De todos os testes de avaliação da linguagem disponíveis em Portugal, optámos pelo de Inês Sim-Sim, de 1997, por abranger uma vasta idade, por ser bastante acessível e por se basear em testes que avaliam o domínio linguístico de conteúdos que estão fortemente interligados ao próximo passo da comunicação, a linguagem escrita. No entanto vimo-nos na obrigação de o adaptar, uma vez que sentimos a necessidade de reduzir determinados itens de alguns subtestes, que se revelaram muito maçadores e cansativos para com as primeiras crianças inquiridas.

Os testes de Avaliação da Linguagem Oral apresentam-se divididos em seis subtestes de modo a abordar três domínios linguísticos (lexical, sintático e fonológico) e contemplar dois tipos de capacidades (recetivas e expressivas), estando exposta a sua organização estrutural no Quadro 3.

Quadro 3

Organização estrutural dos subtestes, por domínios e capacidades⁶.

		Capacidades	
		Recetivas	Expressivas
Domínio linguístico	Lexical	Definição verbal;	Nomeação;
	Sintático	Compreensão de estruturas complexas; Reflexão morfossintática;	Complemento de frases;
	Fonológico	-----	Segmentação e reconstrução segmental;

Estes testes têm como objetivo elaborar:

uma apreciação do desenvolvimento da linguagem oral, isto é, a constatação das alterações de competência e desempenho linguístico que ocorrem durante uma dimensão temporal do período de aquisição da linguagem, (...) [não se pretendendo] de modo algum, formalizar um valor global identificável com “coeficiente de desenvolvimento linguístico” ou “idade

⁶ Sim-Sim, 2014, p. 5.

linguística” que corresponda a um somatório dos resultados individuais de cada sujeito. (Sim-Sim, 2014, p.6)

Deste modo, no subteste 1 é apreciada a **Definição Verbal**, o subteste 2 corresponde à **Nomeação**, o subteste 3 acomoda a **Compreensão de estruturas complexas**, o subteste 4 o **Complemento de frases**, o subteste 5 a **Reflexão morfossintática** e, por fim, no subteste 6, repartido em quatro blocos, é apreciada a capacidade de **Segmentação e reconstrução segmental**.

Por fim, é ainda de salientar a distribuição dos referidos subtestes pelos dois grupos etários participantes (grupo dos 4 e dos 6 anos) uma vez que, dada a dificuldade que poderia surgir em determinadas crianças, não se aplicaram de igual modo em ambos os grupos, estando esta distribuição explicada no Quadro 4. Deste modo, os subtestes de Avaliação da Linguagem Oral foram aplicados nos dias 9 de junho e 8 de setembro de 2015, às crianças de 4 anos, e nos dias 28 e 29 de outubro de 2015 e 23 de fevereiro de 2016, às crianças com 6 anos.

Quadro 4

Distribuição dos subtestes por grupos etários⁷.

Subtestes		Idades
Definição verbal		4 e 6 anos
Nomeação		4 e 6 anos
Compreensão de estruturas complexas		4 e 6 anos
Complemento de frases		4 e 6 anos
Reflexão morfossintática		6 anos
Segmentação e reconstrução segmental	Bloco A	4 e 6 anos
	Bloco B	6 anos
	Bloco C	4 e 6 anos
	Bloco D	6 anos

4.3.1 Definição verbal

Este subteste (Anexo 1 – Definição verbal) tem como objetivo perceber o conceito ou significado que as crianças possuem de determinadas palavras (ou itens lexicais), tendo

⁷ Adaptado de Sim-Sim, 2014, p.11.

em conta que “conhecer uma palavra numa determinada língua implica conhecer o respetivo significado, isto é, reconhecer os atributos que determinam a formação do conceito que a palavra representa” (Sim-Sim, 2014, p.12).

A experiência individual influencia a extensão e exatidão do significado do item lexical, variando consoante a idade e as vivências das crianças. No entanto, recorrendo à definição verbal podemos comparar a extensão e exatidão do significado de uma determinada palavra, para determinado grupo de crianças, e perceber quais as características, desta mesma, que cada criança identifica como relevantes (Sim-Sim, 2014).

Segundo Sim-Sim (2014), regra geral as definições dadas pelos adultos são abstratas e descritivas e incluem sinónimos, explicações e categorizações da palavra definida. Por sua vez, as definições atribuídas pelas crianças começam por ser baseadas nas experiências individuais destas e definem por uma só palavra. No entanto, e de forma progressiva, o significado que atribuem tende a aproximar-se dos significados socialmente partilhados pelos adultos e a dar lugar a “estruturas gramaticais que expressam relações de complexidade crescente” (Sim-Sim, 2014, p.13).

Instruções e exemplo

A apresentação dos itens a definir foi antecedida pelas seguintes instruções e exemplo:

Quero que me digas o que é aquilo que te vou perguntar. Pensa bem:
-O que é maçã?

Itens

Por sua vez, os 15 itens a definir, por ordem de apresentação, foram:

- | | | |
|------------|---------------|---------------|
| 1. Açúcar | 6. Professor | 11. Despejar |
| 2. Águia | 7. Pulso | 12. Empurrar |
| 3. Ave | 8. Colorir | 13. Medir |
| 4. Baleia | 9. Descansar | 14. Mergulhar |
| 5. Canguru | 10. Descascar | 15. Pegar |

Cotação

A pontuação a atribuir neste subteste varia entre os zero e dois pontos, obedecendo a uma classificação para cada tipo de resposta, apresentada na Tabela 1, e tem uma cotação máxima de 30 pontos.

Tabela 1

Cotações do subteste Definição verbal⁸.

Categorias de respostas	Pontuação	Exemplos
Definição categorial particularizada	2 pontos	É um animal que dá leite
Definição categorial	1,5 pontos	É um animal
Definição percetual/ enumeração de atributos	1 ponto	Tem cornos
Definição funcional	1 ponto	Dá leite
Sinónimos/exemplos	1 ponto	Mulher do boi
Exemplificação	0,5 pontos	Cornélia
Explicação genérica	0 pontos	É uma coisa
Não resposta ou resposta errada	0 pontos	Anda no mar

4.3.2 Nomeação

No subteste de Nomeação (Anexo 2 – Nomeação) pretende-se perceber qual a “capacidade de atribuição de rótulos lexicais a itens do conhecimento quotidiano das crianças, sendo a resposta motivada pela apresentação de um estímulo gráfico (desenho) (...)” (Sim-Sim, 2014, p.7).

No fundo, e tendo em conta que as palavras são representações verbais de entidades e conceções, pretendemos perceber como a criança faz a nomeação de determinados itens, isto é, se aplica o rótulo lexical (palavra) correspondente ao que esse rótulo representa (Sim-Sim, 2014).

Mais uma vez, as vivências das crianças podem ter um grande impacto no domínio lexical, uma vez que a sua aquisição é realizada em determinados contextos. Para além disso, o seu desenvolvimento “consiste na aquisição de novas palavras, dos significados respetivos e da ligação entre ambos” (Sim-Sim, 2014, p. 14), isto é, consiste na aquisição de novas palavras e no estabelecimento das ligações que são feitas entre estas. Desta forma, quando as crianças erram na nomeação de determinado item revelam as suas

⁸ Adaptado de Sim-Sim, 2014, p.14.

estratégias, quando confrontadas com um rótulo lexical desconhecido, e evidenciam indicadores preciosos do seu desenvolvimento.

Instruções e exemplo

As instruções e exemplo apresentados inicialmente foram os seguintes:

Vou-te mostrar uns desenhos e quero que me digas o que vês. Pensa bem:

- (vaca) O que é isto?

Itens

Os 15 itens incluídos neste subteste foram os mesmos que os do teste de definição verbal, contudo as gravuras apresentadas foram divididas em dois blocos de itens, introduzidos por distintas questões:

Bloco A: O que é isto?		Bloco B: o que está o menino/menina a fazer?	
1. Açúcar	5. Canguru	8. Colorir	12. Empurrar
2. Águia	6. Professor	9. Descansar	13. Medir
3. Ave	7. Pulso	10. Descascar	14. Mergulhar
4. Baleia		11. Despejar	15. Pegar

Cotação

A pontuação a atribuir neste subteste vai de zero a dois pontos, tendo uma cotação máxima de 30 pontos e obedecendo a uma classificação para cada tipo de resposta, apresentada na Tabela 2.

Tabela 2

Cotações do subteste Nomeação⁹.

Categorias de respostas	Pontuação	Exemplos
Atribuição do rótulo correto	2 pontos	Vaca
Designação de um atributo classificativo	1 ponto	Dá leite
Designação de categoria de nível mais geral	1 ponto	É um animal
Não resposta ou resposta errada	0 pontos	Um pónei

⁹ Adaptado de Sim-Sim, 2014, p.15.

4.3.3 Compreensão de estruturas complexas

Por sua vez, a compreensão de estruturas complexas tem como objetivo avaliar a capacidade de a criança reconhecer e compreender um enunciado descontextualizado, através da solicitação de uma resposta a uma pergunta formulada com base neste. Desta forma, e ainda que o conhecimento semântico esteja necessariamente envolvido, foi dada ênfase à estrutura sintática, com preferência na utilização de frases complexas, embora estejam incluídas frases simples (Sim-Sim, 2014).

Instruções e exemplo

As instruções e exemplo dados inicialmente às crianças foram os seguintes:

Ouve com atenção. Vou-te dizer uma frase e fazer-te uma pergunta para tu responderes em seguida:

- A camisola verde do Rui tem um buraco.

P: De que cor é que é a camisola do Rui?

Itens

Os 10 itens deste subteste dão os seguintes:

Itens	Tipos de frase ¹⁰
1. O carro vermelho da mãe teve um furo. • De que cor é que é o carro da mãe?	Frase simples, tipo declarativo.
2. O locutor anunciou o premio mais importante. • O que é que o locutor anunciou?	Frase simples, tipo declarativo.
3. Hoje ou vamos à feira ou vamos ao jardim. • Onde é que vamos hoje?	Frase coordenadora disjuntiva
4. Os eucaliptos que vimos no nosso passeio eram mais altos do que os castanheiros. • Quais é que eram as árvores mais altas?	Frase subordinada comparativa
5. O pai autorizou os meninos a irem ao cinema. • Quem é que foi ao cinema?	Frase completiva

¹⁰ Adaptado de Afonso, 2011, p.78.

6. Nem o Miguel chegou nem o João saiu. • Quem é que não chegou?	Frase coordenadora disjuntiva
7. A menina que estava a falar com a Marta tinha um vestido azul. • Quem é que tinha um vestido azul?	Frase relativa de sujeito
8. Quando a professora chegou à escola ainda a Rita não estava na sala. • Quem é que chegou primeiro à escola?	Frase subordinada temporal
9. A mãe pediu ao André que fosse com ela ao supermercado. • Quem foi ao supermercado?	Frase subordinada completiva
10. O cão do meu vizinho ladra sempre que me vê chegar da escola. • Quando é que o cão do meu vizinho ladra?	Frase subordinada temporal

Cotação

Com cotação máxima de 10 pontos, é atribuído 1 ponto a cada resposta correta e 0 a cada resposta incorreta.

4.3.4 Complemento de frases

Para ser falante competente de uma determinada língua, é necessário possuir o conhecimento implícito das regras da língua em questão, de modo a conseguir compreender e produzir enunciados, mesmo quando nunca foram ouvidos (Sim-Sim, 2014). Ao uso dado a esse conhecimento, correspondente ao desempenho linguístico do falante, que se apresenta repartido em duas vertentes: a compreensão, através da qual “apropriamo-nos do significado dos enunciados produzidos por outrem” (Sim-Sim, 2014, p.19), e a produção, que nos permite formar “as nossas próprias mensagens (...) organizadas de acordo com as regras do sistema linguístico de que somos falantes” (Sim-Sim, 2014, p.19).

Desta forma, o presente subteste representa uma das formas de avaliar o desempenho da compreensão e produção do falante, e exige que o mesmo use indicadores semânticos e sintáticos, presentes na frase, para selecionar a palavra em falta e de modo a reconstruir enunciados que obedeçam as regras da língua (Sim-Sim, 2014).

No fundo, este subteste exige a compreensão global de uma frase onde falta uma palavra e requer das crianças a capacidade de repor a frase incompleta através da identificação do elemento em falta e da colocação deste de uma forma semântica e sintaticamente aceitáveis (Sim-Sim, 2014). Desta forma, esta prova revela-nos se a aquisição da linguagem está a decorrer de forma positiva ou não, uma vez que, como já foi referido, esta aprendizagem implica a apreensão das regras específicas do nosso sistema linguístico e o seu conhecimento corresponde ao desempenho linguístico da criança.

Instruções e exemplo

As instruções e exemplo dados às crianças foram os seguintes:

Ouve com atenção. Vou-te dizer frases em que faltam palavras. Sempre que faltar uma palavra eu bato com o lápis na mesa e tu dizes qual é a palavra que falta:

- O pai regou as _____ do jardim.

Itens

Os 11 itens deste subteste, apresentados pela ordem em que foram colocados, são os seguintes:

Itens	Respostas	Classificação ¹¹
1. A Rita comeu um bolo e o Tiago comeu dois bolos. Eles comeram três _____.	Bolos	Nome
2. O Bruno estava a ver na televisão um _____ de terror.	Filme	Nome
3. A manteiga que eu pus na _____ era saborosa.	Torrada	Nome
4. Ao pequeno-almoço misturei o leite com o _____.	Café/chocolate/chá	Nome
5. O pai levou as duas bicicletas. A bicicleta azul é da Joana e _____ bicicleta amarela é do Jorge.	a	Artigo definido
6. Os rapazes e raparigas daquela escola fizeram uma festa de natal. Eles usaram chapéus verdes e _____ usaram chapéus vermelhos.	Elas	Pronome pessoal

¹¹ Adaptado de Afonso, 2011, pp. 85-86.

7. Eu tenho vários livros de música. São os _____ livros preferidos.	Meus	Determinante possessivo
8. Tu tens uma bola e eu tenho uma raqueta. É a tua bola e a _____ raqueta.	Minha	Determinante possessivo
9. Os _____ pais não me deixam deitar depois das 10 horas da noite.	Meus	Determinante possessivo
10. Um homem que canta é um _____.	Cantor	Nome (derivado por sufixação)
11. O homem que faz o pão é um _____.	Padeiro	Nome (derivado por sufixação)

Cotação

A cotação máxima desta prova é de 11 pontos, sendo atribuído 1 ponto a cada resposta correta.

4.3.5 Reflexão morfossintática

No subteste de Reflexão morfossintática é pretendido que a criança repita uma determinada frase e a julgue, de modo a determinar se a mesma “é ou não gramatical e que, em caso de agramaticalidade, detecte o erro e o corrija” (Sim-Sim, 2014, p.7). Por envolver domínios que apenas são adquiridos mais tarde, tornando a tarefa exigida neste subteste muito complicada para as crianças mais novas, o grupo de quatro anos, como já foi demonstrado no Quadro 4, não realizou este subteste.

Este subteste pretende avaliar o desenvolvimento da capacidade de a criança julgar gramaticalmente uma frase, identificando, justificando e corrigindo os erros que se possam apresentar. Deste modo, o primeiro ponto deste subteste, a repetição exata de uma determinada frase (agramatical ou não), revela-se o primeiro passo no julgamento da (a)gramaticalidade, seguido da sua apreciação, onde será necessário a criança evidenciar se a frase está correta ou não e detetar o seu erro caso não esteja, de modo a corrigi-lo no final (Sim-Sim, 2014).

Instruções e exemplo

As instruções e exemplo dados inicialmente foram os seguintes:

Ouve com atenção. Vou-te dizer uma frase para tu repetires. Depois vais dizer-me se a frase que eu te disse está ou não correta. Se não estiver correta, vais corrigi-la:

1. Repete:

- As meninas joga à bola.

2. A frase está correta ou incorreta? [Se a criança responder incorreta perguntar:] Onde?

3. [Se a criança identificar o erro, perguntar-lhe:] Então como é que se deve dizer corretamente?

Itens

Esta prova é constituída por 10 itens, sendo que as frases com * não apresentam incorreções, desempenhando uma função de controlo:

Itens	Correção	Tipo de erro ¹²
1. Amanhã o Tiago foi à praia com os pais.	Ontem/ Hoje o Tiago foi à praia com os pais.	Semântico
2. Os óculos da Maria era cinzento.	Os óculos da Maria eram cinzentos	Concordância verbal
3. As girafas têm um pescoço comprido.*	_____	_____
4. muro cavalo o saltou o.	O cavalo saltou o muro.	Ordem de palavras
5. O amarelo, o verde e o azul é uma cor.	O amarelo, o verde e o azul são cores	Concordância verbal
6. Se no domingo está bom tempo, vou à praia.	Se no domingo estiver bom tempo, vou à praia	Seleção de modo verbal
7. A gente ganhámos a aposta.	A gente ganhou a aposta /Nós ganhámos a aposta	Concordância verbal
8. com mexe a comida a colher a mãe.	A mãe mexe a comida com a colher.	Ordem de palavras
9. Ao Jorge dado foi um prémio.	Ao Jorge foi dado um prémio	Ordem de palavras
10. Os pais deram ao Jorge e à Joana um presente.*	_____	_____

¹² Adaptado de Afonso, 2011, pp. 90-91.

Cotação

A pontuação a atribuir neste subteste varia entre os zero e três pontos, obedecendo a uma classificação para cada tipo de resposta, apresentada na Tabela 3, e tem uma cotação máxima de 28 pontos.

Tabela 3

Cotações do subteste Definição verbal¹³

Categorias de respostas (Itens reais)	Pontuação
Não resposta	0 pontos
Repetição corrigida	0,5 pontos
Repetição exata	1 ponto
Deteção do erro	1 ponto
Correção	1 ponto
Categorias de respostas (Itens de controlo)	
Não resposta	0 pontos
Repetição corrigida	0,5 pontos
Repetição exata	1 ponto
Avaliação da correção	1 ponto

A pontuação de cada item real corresponde ao somatório das diversas alíneas das instruções de aplicação, sendo de 3 pontos o máximo possível; só deverá ser atribuída a pontuação referente à indicação de que a frase está incorreta (deteção do erro) se a criança indicar onde se situa a incorreção. Por sua vez, a pontuação de cada item de controlo corresponde ao somatório das duas primeiras alíneas das instruções de aplicação, sendo de 2 pontos o máximo possível (repetição e avaliação da correção).

4.3.6 Segmentação e reconstrução segmental

Por fim, o último subteste proposto tem como objetivo “avaliar a capacidade de reconhecimento de que a cadeia falada é constituída por segmentos que é possível isolar e reconhecer” (Sim-Sim, 2014, p. 7). Neste subteste foram eleitas “a sílaba e o fonema como segmento alvo e seleccionámos duas capacidades que envolvem processos inversos: a reconstrução e a segmentação” (Sim-Sim, 2014, p. 8).

¹³ Adaptado de Sim-Sim, 2014, p.23.

No fundo, pretendemos avaliar a consciência fonológica das crianças, através da análise das suas capacidades de “formar” palavras quando os segmentos são dados como unidades isoladas (reconstrução) e de fazer o seu inverso, isto é, de isolarem as sílabas e fonemas, quando confrontados com determinadas palavras (segmentação).

Este subteste está repartido em quatro blocos, sendo eles:

4.3.6.1 Bloco A- Reconstrução silábica

Instruções e exemplo

Vou dizer-te uma palavra partida em bocadinhos. Tu vais ouvi-la e repeti-la inteira.

- BO-TA

Itens

Os 10 itens deste bloco são os seguintes:

- | | | |
|-----------|-----------------|----------------------|
| 1. CA-MA | 5. SA-PA-TO | 9. CA-NI-VE-TE |
| 2. POR-TA | 6. MA-CA-CO | 10. CA-BE-LEI-REI-RA |
| 3. BLO-CO | 7. CÃO | |
| 4. BAN-CO | 8. SA-PA-TEI-RO | |

Cotação

Neste bloco é atribuído um ponto a cada resposta correta e zero a cada resposta errada, tendo o mesmo uma cotação máxima de 10 pontos.

4.3.6.2 Bloco B- Reconstrução fonémica

Importa lembrar que o presente subteste não foi aplicado às crianças do grupo de 4 anos, por envolver domínios que apenas são adquiridos mais tarde, o que tornaria a tarefa exigida, no mesmo, muito complicada para estas crianças.

Instruções e exemplo

Ouve com atenção, os bocadinhos são agora ainda mais pequenos. Depois de eu dizer a palavra partida, tu vais dizê-la inteira

- CH-U-V-A

Itens

Os 10 itens deste bloco são os seguintes:

- | | |
|------------|----------------|
| 1. CH-Á | 6. V-E-J-O |
| 2. V-I | 7. V-I-A-G-E-M |
| 3. S-Ó | 8. J-O-V-E-M |
| 4. S-U-L | 9. S-A-CH-O |
| 5. CH-A-VE | 10. S-I-F-ÃO |

Cotação

Neste bloco é atribuído um ponto a cada resposta correta e zero a cada resposta errada, tendo o mesmo uma cotação máxima de 10 pontos.

4.3.6.3 Bloco C- Segmentação silábica

Instruções e exemplo

Agora vou dizer-te a palavra inteira e tu vais parti-la em bocadinhos.

- CAVALO

Itens

Os 10 itens deste bloco são os seguintes:

- | | |
|-----------|-----------------|
| 1. BOLA | 6. SAPATEIRO |
| 2. PÁ | 7. SABONETE |
| 3. SAPATO | 8. PIPAROTE |
| 4. PORTA | 9. CABELEIREIRA |
| 5. MACACO | 10. SAL |

Cotação

Neste bloco é atribuído um ponto a cada resposta correta e zero a cada resposta errada, tendo o mesmo uma cotação máxima de 10 pontos.

4.3.6.4 Bloco D- Segmentação fonémica

É de relembrar, mais uma vez, que este subteste não foi aplicado às crianças do grupo de 4 anos por, tal como no subteste de reconstrução fonémica, se apresentar como uma tarefa muito complicada, uma vez que se baseia em domínios que são adquiridos somente mais tarde.

Instruções e exemplo

Ouve com atenção, quero que partas as palavras em bocadinhos mais pequenos.
- SOL

Itens

Os 10 itens deste bloco são os seguintes:

- | | |
|----------|-----------|
| 1. CHÁ | 6. VEJO |
| 2. VI | 7. VIAGEM |
| 3. SÓ | 8. JOVEM |
| 4. SUL | 9. SACHO |
| 5. CHAVE | 10. SIFÃO |

Cotação

Neste bloco é atribuído um ponto a cada resposta correta e zero a cada resposta errada, tendo o mesmo uma cotação máxima de 10 pontos.

5. Tratamento e análise de dados

Após a recolha de informação, é importante passar à seleção e análise dos dados, de modo a dar sentido a esta, e identificar padrões significativos que possibilitem responder às questões de investigação colocadas inicialmente (Sousa e Baptista, 2015). Para tal, optámos por registar, processar e analisar os dados recolhidos informaticamente, através do programa Microsoft Excel 2013, o que nos permitiu compará-los recorrendo à média e ao desvio padrão das pontuações obtidas, e verificar a sua validade através do método de análise estatística ANOVA one-way, de modo a comparar determinados resultados dos desempenhos das crianças. Por fim, como forma de determinarmos o nível de dificuldade de cada item colocado, em cada subteste, foram analisadas as medidas dos índices de dificuldade, através da Teoria de Resposta ao Item (TRI), um índice de análise que permite medir o quanto os itens foram fáceis ou difíceis, para as crianças que se submeteram aos subtestes.

Para verificar a homogeneidade e coesão dos subtestes utilizados como instrumentos de avaliação, foi calculado o Alpha de Cronbach através dos resultados obtidos por subteste em ambos os grupos de crianças. Todas as provas analisadas apresentam um valor de Alpha de Cronbach igual ou superior a 0.7, com exceção dos subtestes de Compreensão de estruturas complexas e de Complemento de frases que apresentaram resultados muito perto deste valor, o que nos indica que os instrumentos de avaliação apresentam uma boa medida de consistência interna e fiabilidade.

Posto isto passámos ao tratamento dos dados recolhidos, o que nos levou a uma das fases mais importantes da investigação, a análise de dados, que tem o objetivo de permitir ao investigador interpretar e extrair significado dos dados recolhidos (Flores, 1994, citado por Amorim, 2015). Tendo como ponto de partida a intenção interpretativa que orienta a nossa investigação, decidimos basear-nos na definição de Flores (1994 citado por Amorim, 2015) que distribui este processo em três fases: a) redução dos dados; b) organização dos dados; e c) obtenção e verificação de conclusões, realizada no capítulo 4 desta investigação.

Desta forma, para responder ao ponto a) recorreremos ao processo de categorização que se realiza com base na separação, identificação e classificação dos dados, não existindo procedimentos específicos e rígidos para o fazer (Lüdke & André, 2005). Por sua vez, para o ponto b) optámos por organizar a informação recolhida e analisada, através

dos métodos explicados anteriormente, de forma a conseguirmos processá-la e divulgá-la em tabelas, gráficos e quadros de dados pertencentes a uma mesma categoria. Por fim, de modo a respeitar o ponto c), elaborámos a interpretação dos dados recolhidos e analisados e produzimos as considerações finais, que se encontram de acordo com o enquadramento teórico. Todo este processo é desenvolvido tendo por base uma leitura flutuante, ou seja, “uma leitura frequente e exaustiva da informação durante o seu tratamento e análise, característico de um estudo interpretativo, deixando-nos invadir pelas próprias perceções” (César, 2009, citado por Amorim, 2015, p.21).

CAPÍTULO 3

RESULTADOS

Após a aplicação dos subtestes de linguagem oral, que têm como objetivo definir alguns marcos do desenvolvimento linguístico das crianças de 4 e 6 anos, torna-se importante observar os resultados obtidos e perceber a relação entre estes. Desta forma, neste capítulo serão apresentados e analisados os resultados obtidos em cada subteste, através de análises estatísticas e tendo em conta as questões orientadoras, de modo a analisar o nível de dificuldade sentido por cada grupo etário e apurar se todos os itens de um mesmo subteste avaliam as mesmas capacidades. Para além disso, e recorrendo à mesma estratégia, serão analisados o fator da idade e do sexo, das crianças, em relação às variáveis contempladas e os desempenhos atingidos.

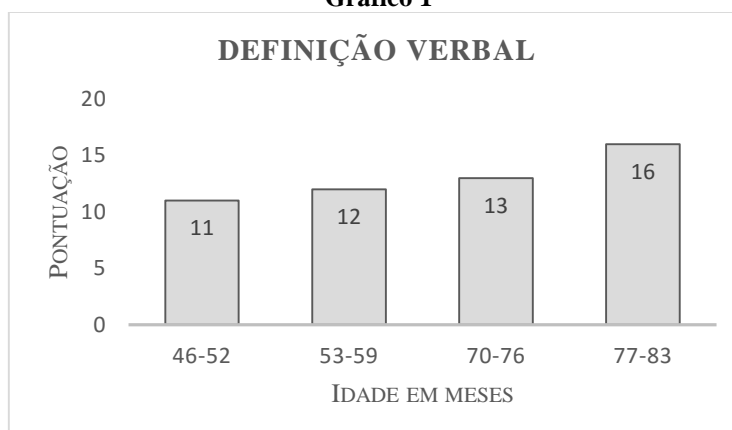
Assim, este capítulo encontra-se dividido em quatro pontos, nos quais serão avaliadas as médias obtidas, por cada grupo de crianças, em cada um dos subtestes, isto é, onde será obtida uma primeira impressão sobre a relação idade e desempenho; avaliada a consistência interna de cada subteste; percebido quais as maiores dificuldades apresentadas; e avaliada a relação entre a idade e o sexo das crianças e as médias de desempenho obtidas.

1. Relação idade/desempenho como indicador de avaliação

Como forma de ter uma visão mais esclarecedora sobre o desempenho das crianças, consoante as suas idades, optámos por repartir os dois grupos etários (4 e 6 anos) em intervalos de seis meses, dentro de cada faixa etária. Desta forma, os gráficos que se seguem, com aproximação às unidades, apresentam a média obtida em cada subteste, pelos escalões dos 46-52 e 53-59 meses, pertencente ao grupo de 4 anos, e de 70-76 e 77-83 meses, referente ao grupo de 6 anos.

1.1 Subteste – Definição verbal

Gráfico 1



Como já foi referido, a pontuação máxima deste subteste era de 30 pontos e as médias e desvios-padrão, obtidos por participações etárias, as que se apresentam na Tabela 4.

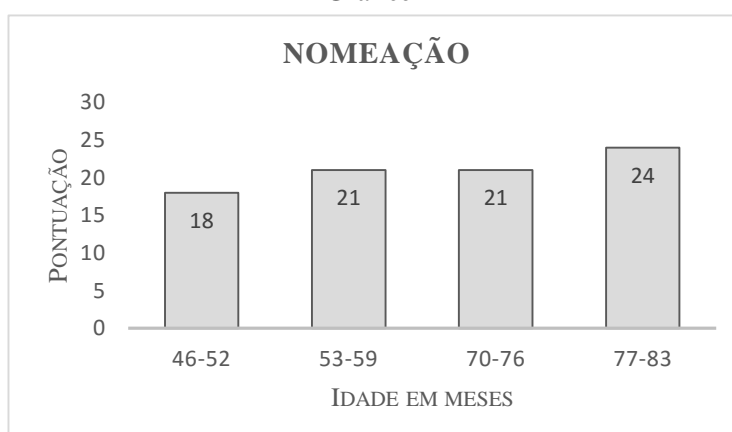
Tabela 4

Definição verbal- Média e Desvio-Padrão

IDADE	MÉDIA	DESVIO-PADRÃO
46-52	10.9	3.1
53-59	12.2	3.9
70-76	12.5	2.1
77-83	16.5	3.4

1.2 Subteste – Nomeação

Gráfico 2



A pontuação máxima deste subteste era de 30 pontos e as médias e desvios-padrão, observados, as que se apresentam na Tabela 5.

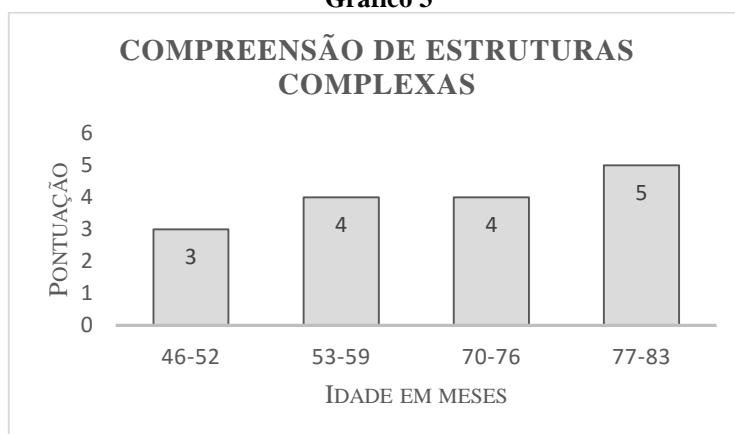
Tabela 5

Nomeação- Média e Desvio-Padrão

IDADE	MÉDIA	DESVIO-PADRÃO
46-52	18.2	6.0
53-59	20.8	4.9
70-76	21.3	3.0
77-83	23.5	3.2

1.3 Subteste – Compreensão de estruturas complexas

Gráfico 3



A pontuação máxima possível para este subteste era de 10 pontos, sendo os valores médios e de dispersão os que se apresentam na Tabela 6.

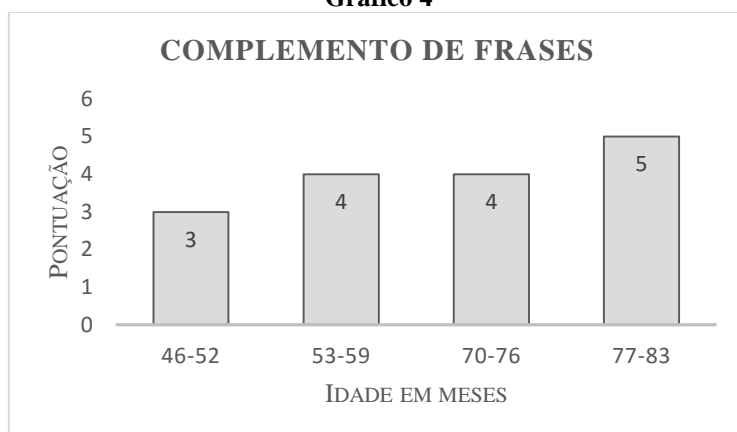
Tabela 6

Compreensão de estruturas complexas - Média e Desvio-Padrão

IDADE	MÉDIA	DESVIO-PADRÃO
46-52	2.8	1.5
53-59	3.7	1.6
70-76	3.9	2.0
77-83	5.4	2.3

1.4 Subteste – Complemento de frases

Gráfico 4



A pontuação máxima deste subteste era de 11 pontos, com a distribuição das médias e desvios-padrão presentes na Tabela 7.

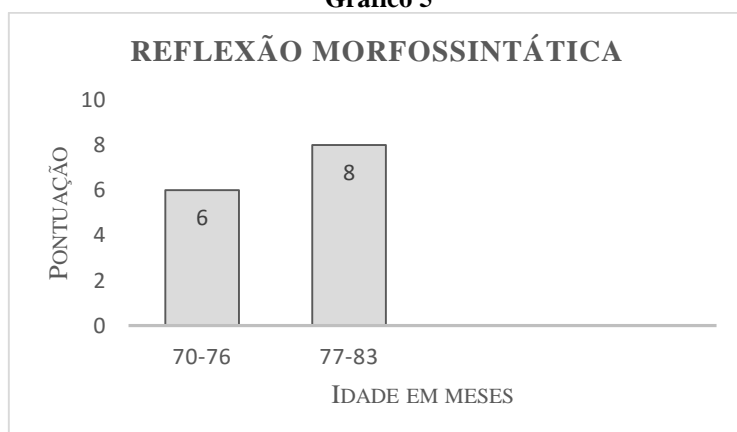
Tabela 7

Complemento de frases- Média e Desvio-Padrão

IDADE	MÉDIA	DESVIO-PADRÃO
46-52	2.9	1.3
53-59	3.5	1.6
70-76	4.3	1.8
77-83	5.0	1.7

1.5 Subteste – Reflexão morfossintática

Gráfico 5



A pontuação máxima deste subteste era de 28 pontos e os valores médios e de dispersão os que se apresentam na Tabela 8.

Tabela 8

Reflexão morfossintática- Média e Desvio-Padrão

IDADE	MÉDIA	DESVIO-PADRÃO
70-76	6.4	3.7
77-83	7.6	5.5

1.6 Subteste – Segmentação e reconstrução segmental

A pontuação máxima para cada bloco deste subteste era de 10 pontos, sendo as médias e desvios-padrão, observados por subtestes, os que se seguem:

3.6.1 Bloco A – Reconstrução silábica

Gráfico 6

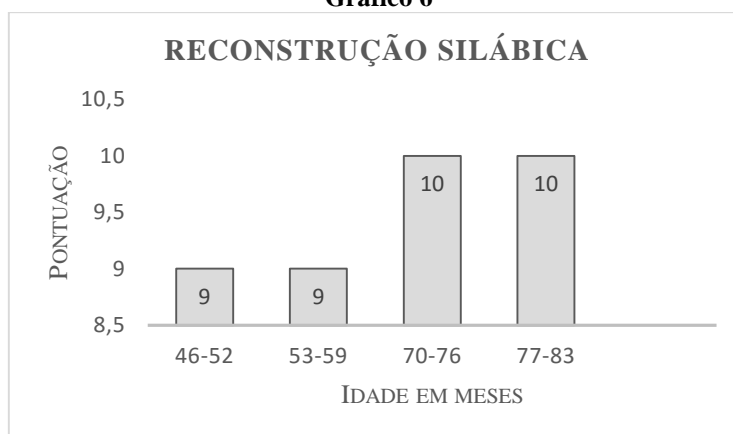


Tabela 9

Reconstrução silábica- Média e Desvio-Padrão

IDADE	MÉDIA	DESVIO-PADRÃO
46-52	9.3	1.8
53-59	9.4	2.3
70-76	9.5	0.9
77-83	9.6	0.8

A facilidade de realização deste subteste, para todos os grupos etários, é claramente visível quando observamos a elevada aproximação das médias obtidas, com o valor máximo possível. No entanto, ao observarmos os desvios-padrão, apresentados na Tabela 9, podemos facilmente constatar que os dois grupos de crianças mais velhas, referentes aos seis anos, apresenta uma baixa dispersão, isto é, uma consistência maior na média dos resultados obtidos.

3.6.2 Bloco B – Reconstrução fonêmica

Gráfico 7

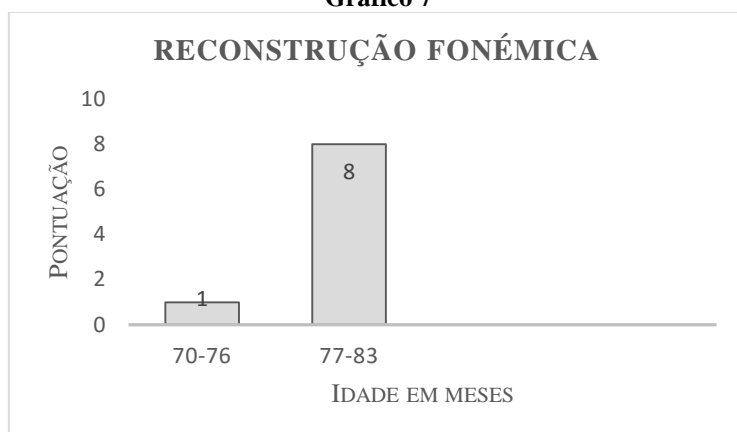


Tabela 10

Reconstrução fonêmica- Média e Desvio-Padrão

IDADE	MÉDIA	DESVIO-PADRÃO
70-76	0.5	0.5
77-83	5.5	2.7

3.6.3 Bloco C – Segmentação silábica

Gráfico 8

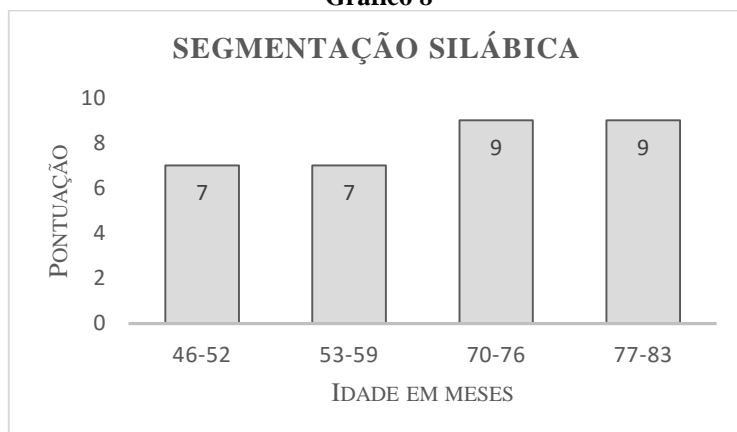


Tabela 11

Segmentação silábica- Média e Desvio-Padrão

IDADE	MÉDIA	DESVIO-PADRÃO
46-52	7.1	2.8
53-59	7.3	1.8
70-76	8.8	1.1
77-83	9.2	0.8

3.6.4 Bloco D – Segmentação fonêmica

Gráfico 9

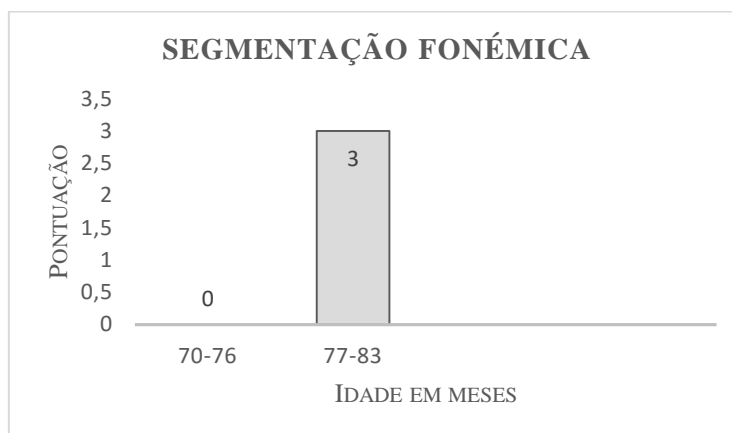


Tabela 12

Segmentação fonêmica- Média e Desvio-Padrão

IDADE	MÉDIA	DESVIO-PADRÃO
70-76	0.1	0.3
77-83	3.1	3.9

Após observarmos as médias obtidas em todos os subtestes é claramente visível que a idade se apresenta associada à melhoria do desempenho, sendo notória a diferença entre os escalões etários e as médias obtidas, tanto mais altas quanto mais velhos são os sujeitos, uma clara evidência que demonstra a forma como evolui a linguagem oral das crianças à medida que amadurecem.

2. A consistência interna de cada subteste

A consistência interna de cada subteste reflete-se na uniformidade dos itens que o integram, e permite observar até que ponto os diversos itens são concordantes com o que se pretende medir.

De modo a percebermos o nível de uniformidade de cada subteste avaliámos a correlação entre os valores de desempenho obtidos por todas as crianças em cada item dos respetivos subtestes, permitindo-nos obter os valores correlacionais, expressos através do Alfa de Cronbach, apresentados na Tabela 13.

Tabela 13**Alfa de Cronbach de cada subteste**

Subtestes		Alfa de Cronbach
Definição verbal		0.8
Nomeação		0.7
Compreensão de estruturas complexas		0.6
Complemento de frases		0.5
Reflexão morfossintática		0.8
Segmentação e reconstrução segmental	Bloco A	0.7
	Bloco B	0.89
	Bloco C	0.72
	Bloco D	0.96

Como se tornou visível, todas as provas analisadas apresentaram um valor de Alfa de Cronbach igual ou superior a 0.7, com exceção dos subtestes de Compreensão de estruturas complexas e de Complemento de frases que apresentaram resultados muito perto deste valor, o que nos indica que os instrumentos de avaliação apresentam uma boa medida de consistência interna e fiabilidade.

3. Análise da dificuldade apresentada por cada item

Como forma de determinarmos o nível de dificuldade de cada item colocado, em cada subteste, foram analisadas as medidas dos índices de dificuldade, através da Teoria de Resposta ao Item (TRI), um índice de análise que permite medir o quanto os itens foram fáceis ou difíceis, para as crianças que se submeteram aos subtestes.

A análise deste mesmo índice de dificuldade, verificada através da percentagem de crianças que respondem corretamente a determinada questão, é considerada uma das técnicas estatísticas mais frequentes para observar o poder de um item (Sim-Sim, 2014, p.36). Deste modo, variando entre o zero (efeito de piso) e o um (efeito de teto), podemos verificar que quanto maior a percentagem de crianças a responder corretamente, mais elevado será o valor do índice, isto é, quando 30% das crianças, ou menos, respondem corretamente ($< .30$) podemos verificar que o item é muito difícil, por sua vez, uma

percentagem entre .30 e .70 dá ao item uma classificação de dificuldade média e acima de .70 de muito fácil.

A análise de itens que se segue procura revelar um conjunto de informações com base nestas mesmas análises de dificuldades, dentro de cada subteste e de acordo com os grupos etários de referência (quatro e seis anos).

3.1 Subteste – Definição verbal

Para determinar o índice de dificuldade dos itens deste subteste não foram consideradas as respostas com cotações intermédias (0.5 a 1.5), sendo somente tomados como referência as respostas pontuadas com 2 pontos, a cotação máxima atribuída a cada item.

Tabela 14

Índice de dificuldade de cada item por idade

	Açúcar	Aguia	Ave	Baleia	Canguru	Professor	Pulso	Colorir	Descansar	Descascar	Despejar	Empurrar	Medir	Mergulhar	Pegar
4 anos	.00	.00	.00	.04	.00	.00	.00	.00	.00	.22	.00	.00	.09	.26	.00
6 anos	.00	.04	.07	.11	.32	.36	.00	.04	.00	.29	.07	.00	.04	.18	.04

Tabela 15

Ordenação dos itens por índice de dificuldades

4 anos	6 anos
.00 Açúcar	.00 Açúcar
.00 Aguia	.00 Pulso
.00 Ave	.00 Descansar
.00 Canguru	.00 Empurrar
.00 Professor	.04 Aguia
.00 Pulso	.04 Colorir
.00 Colorir	.04 Medir
.00 Descansar	.04 Pegar
.00 Despejar	.07 Ave
.00 Empurrar	.07 Despejar
.00 Pegar	.11 Baleia
.04 Baleia	.18 Mergulhar
.09 Medir	.29 Descascar
.22 Descascar	.32 Canguru
.26 Mergulhar	.36 Professor

Como se pode constatar, aos 4 anos todos os itens apresentam grande dificuldade de resolução no que diz respeito à capacidade de obtenção de uma definição categorial particularizada, algo que se assemelha ao que ocorre aos seis anos. No entanto, estes últimos apresentam uma melhoria significativa, revelando um início de progressão na capacidade pretendida.

3.2 Subteste – Nomeação

Semelhante ao que ocorreu no teste anterior, apenas foram consideradas na determinação do índice de dificuldade as respostas pontuadas com a cotação máxima, isto é, com dois pontos.

Tabela 16

Índice de dificuldade de cada item por idade

	Açúcar	Aguia	Ave	Baleia	Canguru	Professor	Pulso	Colorir	Descansar	Descascar	Despejar	Empurrar	Medir	Mergulhar	Pegar
4 anos	.61	.87	.00	.87	1	.91	.39	.00	.48	.17	.48	.70	.52	.48	.43
6 anos	.54	.79	.32	.93	1	.86	.57	.32	.75	.57	.61	.86	.64	.71	.36

Tabela 17

Ordenação dos itens por índice de dificuldades

4 anos	6 anos
.00 Ave	.32 Ave
.00 Colorir	.32 Colorir
.17 Descascar	.36 Pegar
.39 Pulso	.54 Açúcar
.43 Pegar	.57 Pulso
.48 Mergulhar	.57 Descascar
.48 Descansar	.61 Despejar
.48 Despejar	.64 Medir
.52 Medir	.71 Mergulhar
.61 Açúcar	.75 Descansar
.70 Empurrar	.79 Aguia
.87 Aguia	.86 Professor
.87 Baleia	.86 Empurrar
.91 Professor	.93 Baleia
1 Canguru	1 Canguru

Tendo em linha de conta que os itens deste subteste de Nomeação são exatamente os mesmos dos do subteste de Definição verbal, é fácil compreender como o teste se torna mais fácil para as crianças que, regra geral, apresentaram um nível de dificuldade entre o médio e o muito fácil. É ainda de salientar a existência de uma maior facilidade, por ambas as idades, em atribuir o rótulo correto a coisas e objetos concretos do que a ações.

3.3 Subteste – Compreensão de estruturas complexas

Para a determinação dos índices de dificuldade foram consideradas as respostas corretas, isto é, todas as respostas cotadas com um ponto.

Tabela 18

Índice de dificuldade de cada item por idade

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4 anos	.70	.26	.00	.00	.30	.00	.39	.48	.13	.13
6 anos	.86	.29	.21	.21	.54	.54	.39	.61	.43	.57

Tabela 19

Ordenação dos itens por índice de dificuldades

	4 anos		6 anos
3	.00	3	.21
4	.00	4	.21
6	.00	2	.29
9	.13	7	.39
10	.13	9	.43
2	.26	5	.54
5	.30	6	.54
7	.39	10	.57
8	.48	8	.61
1	.70	1	.86

Neste subteste, a grande maioria dos itens revelou-se difícil para as crianças mais novas, demonstrando ainda alguma imaturidade para a compreensão de estruturas complexas, algo que apresenta alguma melhoria a partir dos seis anos.

3.4 Subteste – Complemento de frases

Mais uma vez, para a determinação dos índices de dificuldade foram consideradas as respostas corretas, isto é, todas as respostas cotadas com um ponto.

Tabela 20

Índice de dificuldade de cada item por idade

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
4 anos	.78	.00	.26	.52	.00	.00	.00	.00	.22	.74	.65
6 anos	.93	.64	.29	.64	.18	.18	.07	.57	.11	.61	.46

Tabela 21

Ordenação dos itens por índice de dificuldades

	4 anos		6 anos
2	.00	7	.07
5	.00	9	.11
6	.00	5	.18
7	.00	6	.18
8	.00	3	.29
9	.22	11	.46
3	.26	8	.57
4	.52	10	.61
11	.65	2	.64
10	.74	4	.64
1	.78	1	.93

Os itens do subteste de Complemento de frases revelaram-se um pouco mais difíceis para as crianças mais novas, no entanto o nível de dificuldade, mais uma vez, tende a diminuir consoante o aumento das idades das crianças.

3.5 Subteste – Reflexão morfossintática

Para a determinação dos índices de dificuldade de cada item, apenas foram consideradas as respostas com a pontuação máxima, isto é, 3 pontos.

Tabela 22

Índice de dificuldade de cada item por idade

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6 anos	.09	.00	.04	.09	.00	.00	.09	.00	.00	.00

Tabela 23

Ordenação dos itens por índice de dificuldades

	2	5	6	8	9	10	3	1	4	7
6 anos	.00	.00	.00	.00	.00	.00	.04	.09	.09	.09

O teste de reflexão morfossintática acabou por se revelar muito difícil para as crianças inquiridas, sendo que todos os itens ficarem abaixo do nível.30, considerado o limiar da dificuldade média.

3.6 Subteste – Segmentação e reconstrução segmental

Como já foi descrito, este subteste repartiu-se em quatro blocos, no entanto, todos os índices de dificuldade foram determinados tendo em conta a pontuação máxima, igual para todos, isto é, um ponto.

3.6.1 Bloco A – Reconstrução silábica

Tabela 24

Índice de dificuldade de cada item por idade

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4 anos	1	1	.96	1	1	.96	.83	.91	.83	.83
6 anos	1	1	.93	1	.93	1	1	.96	1	.75

Tabela 25

Ordenação dos itens por índice de dificuldades

	4 anos		6 anos
7	.83	10	.75
9	.83	3	.93
10	.83	5	.93
8	.91	8	.96
6	.96	1	1
3	.96	2	1
1	1	4	1
2	1	6	1
4	1	7	1
5	1	9	1

Como se verifica, todos os itens de reconstrução silábica se revelaram de grande facilidade para ambas as faixas etárias, atingindo o efeito de teto em diversos itens de ambas.

3.6.2 Bloco B – Reconstrução fonémica

Tabela 26

Índice de dificuldade de cada item por idade

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6 anos	.50	.32	.32	.14	.32	.32	.46	.32	.21	.25

Tabela 27

Ordenação dos itens por índice de dificuldades

	4	9	10	2	3	5	6	8	7	1
6 anos	.14	.21	.25	.32	.32	.32	.32	.32	.46	.50

Contrariamente ao bloco anterior, a grande maioria dos itens apresentados na reconstrução fonémica revelaram-se de dificuldade média.

3.6.3 Bloco C – Segmentação silábica

Tabela 28

Índice de dificuldade de cada item por idade

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4 anos	1	.96	.65	.74	.74	.83	.78	.70	.43	.35
6 anos	1	1	1	.93	1	.93	.93	.96	.82	.46

Tabela 29

Ordenação dos itens por índice de dificuldades

	4 anos		6 anos
10	.35	10	.46
9	.43	9	.82
3	.65	4	.93
8	.70	6	.93
4	.74	7	.93
5	.74	8	.96
7	.78	1	1
6	.83	2	1
2	.96	3	1
1	1	5	1

Como podemos verificar, os itens 1 e 2 foram, para ambas as idades considerados muito fáceis, tendo alcançado o efeito de teto ou ficado muito perto deste. No entanto, e embora os seis anos apresentem uma grande percentagem de itens considerados fáceis, os quatro anos apresentaram uma dificuldade média na maioria dos itens apresentados.

3.6.4 Bloco D – Segmentação fonémica

Tabela 30

Índice de dificuldade de cada item por idade

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6 anos	.43	.22	.17	.22	.22	.22	.17	.13	.13	.17

Tabela 31

Ordenação dos itens por índice de dificuldades

	8	9	3	7	10	2	4	5	6	1
6 anos	.13	.13	.17	.17	.17	.22	.22	.22	.22	.43

Neste último bloco as crianças de seis anos demonstraram uma grande dificuldade em responder corretamente aos itens colocados, revelando ainda muita dificuldade na segmentação fonêmica.

Como forma de organizar este capítulo, sintetizamos o mesmo no Tabela 32, que pretende dar uma panorâmica geral da distribuição percentual dos itens apresentados, por níveis de dificuldade, subtestes e grupo etário.

Tabela 32

Classificação da dificuldade dos subtestes, por idades

Subtestes		4 anos		6 anos	
Definição verbal		100%	Difíceis	87%	Difíceis
		0%	Médios	13%	Médios
		0%	Fáceis	0%	Fáceis
Nomeação		20%	Difíceis	0%	Difíceis
		53%	Médios	53%	Médios
		20%	Fáceis	47%	Fáceis
Compreensão de estruturas complexas		70%	Difíceis	30%	Difíceis
		30%	Médios	60%	Médios
		0%	Fáceis	10%	Fáceis
Complemento de frases		70%	Difíceis	45%	Difíceis
		40%	Médios	45%	Médios
		0%	Fáceis	10%	Fáceis
Reflexão morfossintática				100%	Difíceis
				0%	Médios
				0%	Fáceis
Segmentação e reconstrução segmental	Bloco A	0%	Difíceis	0%	Difíceis
		0%	Médios	0%	Médios
		100%	Fáceis	100%	Fáceis
	Bloco B			30%	Difíceis
				70%	Médios
				0%	Fáceis
	Bloco C	0%	Difíceis	0%	Difíceis
		40%	Médios	10%	Médios
		60%	Fáceis	90%	Fáceis
	Bloco D			90%	Difíceis
				10%	Médios
				0%	Fáceis

4. A Relação entre a idade o sexo e a frequência no 1.º CEB das crianças e as médias de desempenho em cada subteste

Apos as conclusões obtidas no ponto 1 (relação idade/desempenho como indicador de avaliação), decidimos analisar mais atentamente os dados obtidos em cada subteste, e de acordo com as idades, o sexo dos inquiridos e a sua frequência no 1.º CEB (referente à faixa etária dos seis anos), de modo a perceber qual a relação entre estes e as médias de desempenho. Desta forma, as Tabelas que se seguem expressam os valores das médias e a respetiva testagem destas, através do procedimento estatístico ANOVA.

Tabela 33

A variável sexo

sexo	Definição verbal	Nomeação	Compreensão de estruturas complexas	Complemento de frases	Reflexão morfossintática
Rapazes	8.4	7.9	5.5	5.9	6.9
Raparigas	9.0	8.2	5.9	6.3	6.8

sexo	Bloco A	Bloco B	Bloco C	Bloco D
Rapazes	7.0	5.8	6.9	5.5
Raparigas	6.7	5.5	6.0	1.9

Tabela 34

A variável sexo- ANOVA

subtestes		F	P
Definição verbal		4.70	0.04
Nomeação		0.066	0.798
Compreensão de estruturas complexas		0.527	0.471
Complemento de frases		2.527	0.118
Reflexão morfossintática		0.075	0.787
Segmentação e reconstrução segmental	Bloco A	0.446	0.507
	Bloco B	2.144	0.155
	Bloco C	0.530	0.470
	Bloco D	0.143	0.709

Como podemos verificar, quanto ao sexo dos inquiridos, não se registaram diferenças estatisticamente significativas (tendo como nível de significância $p < .05$) na maioria dos subtestes. Estes resultados permitem-nos perceber que o sexo das crianças não influencia o seu desenvolvimento no que se refere à linguagem oral. Isto é, independentemente de a criança ser do sexo feminino ou masculino, as médias obtidas em cada subteste não revelam diferenças consideráveis.

Contudo, no teste de Definição verbal deparámo-nos com uma pequena diferença estatística ($.04 < .05$), no entanto, por ser pequena e apresentar uma média pouco considerável (Tabela 34), não temos garantias de que as crianças do sexo feminino tenham realmente uma maior facilidade em elaborar uma definição categorial particularizada.

Tabela 35

A variável idade- escalão etário (participação em meses)

Grupo etário	Definição verbal	Nomeação	Compreensão de estruturas complexas	Complemento de frases	Reflexão morfofossintática
46-52	10.9	18.2	2.8	2.9	
53-59	12.2	20.8	3.7	3.5	
70-76	12.5	21.3	3.9	4.3	6.4
77-83	16.5	23.5	5.4	5.0	7.6

Grupo etário	Bloco A	Bloco B	Bloco C	Bloco D
46-52	9.3		7.1	
53-59	9.4		7.3	
70-76	9.5	0.5	8.8	0.1
77-83	9.6	5.5	9.2	3.1

Tabela 36

A variável idade- escalão etário (participação em meses)- ANOVA

subtestes		F	P
Definição verbal		8.555	0.000
Nomeação		4.247	0.010
Compreensão de estruturas complexas		4.174	0.011
Complemento de frases		4.162	0.011
Reflexão morfofossintática		0.458	0.505
Segmentação e reconstrução segmental	Bloco A	0.247	0.863
	Bloco B	36.072	3.357
	Bloco C	5.356	0.003
	Bloco D	7.736	0.010

Uma vez que já verificamos, anteriormente, que existem diferenças entre os níveis etários (4 e 6 anos), optamos por realizar e testar a relação da idade com as médias obtidas, recorrendo a escalões etários de seis meses, dentro de cada faixa etária. Esta escolha permitiu-nos observar e concluir que a idade é um fator relevante de diferenciação de desempenho na grande maioria dos subtestes colocados, o que é assegurado pela análise de variância (Anova) presente na Tabela 36 que apresenta valores estatisticamente

significativos (ao nível de significância $p < .05$) em mais de metade dos subtestes aplicados.

É ainda de salientar que dois dos subtestes que não apresentaram dados estatisticamente significativos referem-se a dois escalões etários muito próximos, o que pode explicar o facto de não podermos assegurar a existência de diferenciação de desempenho nestes.

Tabela 37

A variável frequência no 1.º CEB- (escalão etário dos 6 anos)

Frequência no 1.º ano	Definição verbal	Nomeação	Compreensão de estruturas complexas	Complemento de frases	Reflexão morfossintática
Não frequentava	12.9	21.4	4.3	4.5	6.2
Frequentava	15.8	23.2	5.0	4.8	7.6

Frequência no 1.º ano	Bloco A	Bloco B	Bloco C	Bloco D
Não frequentava	9.5	0.5	8.9	0.1
Frequentava	9.6	4.9	9.1	2.8

Tabela 38

A variável frequência no 1.º CEB- (escalão etário dos 6 anos)- ANOVA

subtestes		F	P
Definição verbal		5.701	0.025
Nomeação		2.343	0.138
Compreensão de estruturas complexas		0.684	0.416
Complemento de frases		0.105	0.749
Reflexão morfossintática		0.648	0.428
Segmentação e reconstrução segmental	Bloco A	0.017	0.898
	Bloco B	23.05	0.00
	Bloco C	0.333	0.569
	Bloco D	5.261	0.030

Por fim, e uma vez que algumas das crianças inquiridas do grupo etário dos seis anos, não se encontravam, aquando a aplicação do teste de linguagem oral, a frequentar o 1.º CEB, optámos por avaliar qual poderia ser a influência que este fator poderia ter no seu desenvolvimento linguístico.

Desta forma, e como é confirmado através da análise de variância (Anova) presente na Tabela 38, podemos perceber como a integração no 1.º CEB revela uma

diferenciação do desempenho das crianças bastante considerável, o que nos permite concluir que o facto de frequentarem o 1.ºCEB, mais precisamente o 1.º ano (uma vez que se tratam de crianças de apenas seis anos) é um fator importante e facilitador para um desenvolvimento da linguagem oral, positivo e harmonioso.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Contributos da investigação para o avanço do conhecimento

As presentes considerações finais, que permitem a reflexão em torno do processo investigativo e de todo o contexto de estágio em que este se desenvolveu, têm como objetivo dar resposta às questões de investigação que emergiram através do objeto de estudo que, como já foi referido, foram as seguintes:

(1) De que forma se processa a aquisição da linguagem?

(2) Como se processa o desenvolvimento linguístico num grupo de crianças de 4 anos de idade?

(3) Como se processa o desenvolvimento linguístico num grupo de crianças de 6 anos de idade?

Antes mesmo de responder à primeira questão, é relevante referir que a grande meta da investigação era a análise e compreensão do desenvolvimento da linguagem oral, ou seja, a verificação das alterações e desenvolvimentos das competências linguísticas, que ocorrem em determinadas faixas etárias (4 e 6 anos), durante uma dimensão temporal do período de aquisição da linguagem. Sendo que por aquisição da linguagem entende-se “o processo de apropriação natural de um sistema linguístico, via exposição, sem que para tal seja necessário um mecanismo formal de ensino” (Sim-Sim, 2014, p.6).

Assim, para a primeira pergunta podemos obter uma resposta mais aprofundada através do quadro de referência teórico, no entanto, de um modo resumido podemos dizer que a aquisição da linguagem se dá através do *input* linguístico. A criança vai adquirindo e desenvolvendo a sua linguagem, de forma gradual e natural, com base no ambiente que a rodeia, através do contacto com a mesma, ou mais especificamente, através do contacto com pessoas que lhe permitem, com base no diálogo e convívio diário, desenvolver esta competência essencial. Deste modo, podemos afirmar que para que se processe a aquisição da linguagem a criança tem de ter contacto com esta, o que, tal como pudemos observar no capítulo anterior, à medida que a criança cresce lhe permite desenvolver esta capacidade, aprendendo e respeitando as regras do sistema linguístico da comunidade onde está inserida.

A segunda e terceira questão são, também, respondidas no quadro de referência teórico, no entanto somente se revelam confirmadas no ponto anterior (resultados). Deste modo, e após a observação dos resultados alcançados, pudemos perceber que, por volta do início dos quatro anos surgem as primeiras produções de frases gramaticais bem formadas na língua portuguesa, uma capacidade que apresenta um melhoramento bastante significativo uns tempos mais tarde, ao início e decorrer dos seis anos.

É, também, por volta dos 4 anos que as crianças desenvolvem o seu domínio linguístico lexical, revelando uma grande capacidade para a nomeação, a capacidade de atribuir legendas lexicais a objetos do seu quotidiano, e dado os primeiros passos numa capacidade recetiva importante, a definição verbal, ou mais propriamente, a capacidade de elaborar uma definição categorial particularizada sobre determinado item do seu conhecimento.

No entanto, é somente entre os 77 e 83 meses (final dos seis anos) que revelam um maior domínio na definição verbal, revelando um maior progresso na capacidade de definir determinados itens segundo as suas categorias particulares (Ave e Baleia são ambos animais – definição categorial – mas a primeira é um animal que voa e a segunda é um animal mamífero que vive no mar – definição categorial particular.) Por sua vez, a partir dos 77 meses as crianças revelam um grande domínio lexical no que diz respeito à nomeação de itens, sentido apenas uma ligeira dificuldade em nomear ações.

Por outro lado, a consciência sintática, a capacidade de refletir sobre os aspetos sintáticos da língua – por exemplo as concordâncias entre sujeito e verbo, entre determinante e sujeito e a verificação da forma consciente do processo de organização de palavras – que permitem a construção de frases gramaticais, apresenta melhorias à medida que a criança cresce, revelando um maior domínio no que se refere às capacidades recetivas.

No entanto, embora à medida que a criança envelheça apresente melhorias significativas em todos os três subtestes propostos, dentro deste domínio linguístico, em nenhuma faixa etária observámos um domínio próximo ao absoluto, demonstrando que as crianças só controlam realmente esta consciência mais tarde.

São, ainda, de salientar os resultados obtidos no subteste de reflexão morfossintática – subteste aplicado apenas às crianças de seis anos – que revelaram um valor bastante baixo, o que nos permitiu concluir que, embora as crianças de seis anos

revelem um bom domínio na construção de frases gramaticais, ainda não estão capacitadas e desenvolvidas o suficiente para perceber se uma frase se apresenta gramaticalmente correta, ou não, quando ouvida pelo adulto.

Por fim, foi interessante perceber como em ambas as idades as crianças revelam um bom domínio linguístico fonológico, revelando resultados muito positivos no subteste de segmentação e reconstrução segmental, mais precisamente nos blocos de reconstrução e segmentação silábica. Na verdade, quando se tratava de separar as palavras em sílabas ou juntar as sílabas em palavras, ambas as idades revelaram um domínio praticamente completo desta capacidade, com o resultado das médias obtidas muito próximo do valor máximo possível.

No entanto, o mesmo não se observou na capacidade de reconstrução e segmentação fonémica, investigada apenas nas crianças de seis anos, que demonstrou apenas algumas melhorias a partir do 77.º mês, um resultado previsível se tivermos em conta que estas crianças inquiridas já haviam passado um período inteiro no 1.º ano.

Em suma, aos 4 anos o desenvolvimento linguístico revela-se ainda longe de concluído, embora as crianças apresentem uma cada vez maior capacidade de se expressarem de forma correta. Por sua vez, aos seis anos as crianças revelam um maior domínio de determinadas capacidades linguísticas, não estando, contudo, perto de terminar o seu desenvolvimento que se revela uma “atividade” para toda a vida.

Assim, e embora os resultados da nossa investigação expressem com visibilidade, como já referimos, as diferenças no desempenho linguístico das crianças dos diferentes níveis etários escolhidos (46-52; 53-59; 70-76; 77-83) são ainda de referir as grandes e significativas diferenças observadas entre o nível etário mais baixo e o mais alto. Estas diferenças permitiram-nos perceber que entre os quatro e os seis anos de idade o desenvolvimento linguístico sofre uma significativa evolução, o que vai ao encontro do que Sim-Sim (1998) defende, isto é, que a complexidade e a diversidade das competências linguísticas de cada componente aumentam progressivamente. Por sua vez, os resultados mais baixos no que concerne ao desenvolvimento linguístico geral, como era de esperar, apresentam-se mais associados ao nível etário mais baixo. Em suma, pudemos perceber que a variável nível etário revelou-se uma grande influência na competência linguística da criança, sendo “um factor de diferenciação de desempenho” (Sim-Sim, 2014, p.57).

De tal investigação resultou, ainda, a confirmação de materiais passíveis de serem usados na apreciação do desenvolvimento da linguagem de uma criança, tendo como padrão de referência a respetiva faixa etária, se tivermos em conta que os diversos subtestes utilizados são instrumentos para serem utilizados separadamente, ou agrupados consoante o objetivo da avaliação.

2. Desenvolvimento pessoal e profissional

O presente trabalho revelou-se bastante positivo na medida em que permitiu perceber como é importante praticar a investigação no âmbito da educação pois, tal como afirma Tuckman (2000):

Não há educação para a qualidade que não passe pela investigação. Digamos, mais especificamente, pelo objectivo de fomentar, em todo o processo de aprendizagem, a atitude de investigação, pelo desenvolvimento de um processo que se inicia com a consciência de um problema e se reinicia, permanentemente, pela identificação de uma possível resposta. É este espírito de curiosidade intelectual e efectiva que define uma atitude de investigação (...). (p.21).

Deste modo, a investigação permitiu refletir sobre as atitudes que se querem tomar, ou não, enquanto futuras profissionais. Na verdade, para que um professor se torne um bom profissional, nunca poderá deixar de investir, na sua constante formação, de modo a que esteja sempre atualizado. Assim, um trabalho de investigação, antes de exercer a profissão, permitiu-nos desenvolver competências que, mais tarde, se vão revelar imprescindíveis.

3. Sugestões de melhoria e investigações futuras

Por fim, é de salientar que, apesar dos resultados obtidos, este estudo apresenta algumas limitações, decorrentes do que se pretendeu avaliar, o desenvolvimento linguístico, e da forma como o fizemos, a metodologia escolhida para realizar a avaliação. Na verdade, isto ocorre por a linguagem se apresentar como um produto de fatores genéticos que se desenvolvem com a experiência, ou seja, com a exposição à linguagem de outros seres vivos (Pinker, 1995, citado por Rodrigues, 2015), tornando-se limitativo avaliar o desempenho linguístico de forma fragmentada (através de subtestes com itens fixos), e fora da situação natural que caracteriza a interação comunicativa. No entanto, e

não querendo colocar esta limitação de parte, achamos importante referir que nas capacidades tão complexas como a linguagem, qualquer que seja a metodologia usada apenas irá apreciar alguns aspetos da referida capacidade. Para além disso, cada teste dá-nos apenas indicadores que nunca nos permitirão extrair qualquer ilação sobre as causas de determinado resultado, uma vez que determinada pontuação não nos indica o motivo desse valor.

Para além desta limitação pudemos destacar, igualmente, o facto de a população ser reduzida a um número limitado de crianças, pelo que seria gratificante alargar a avaliação a um maior número de crianças e a uma nova faixa etária (9 anos).

Assim, no nosso parecer, esta investigação não deveria terminar, mas sim iniciar-se agora pois, como em qualquer investigação que poderia ser aprofundada, haveria pontos a acrescentar e a reformular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acabado, J. (1993). *A Iniciação à Leitura e o Professor Janeiro Acabado*. Beja: Associação de Municípios do Distrito de Beja.
- Afonso, M. (2011). *Análise de itens sintáticos em provas de avaliação da linguagem - Relevância para identificação de Perturbação Específica do Desenvolvimento da Linguagem*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação: Um guia prático e crítico*. Porto: Porto Editora.
- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amorim, S. (2015). *Que estratégia escolho eu? A importância da resolução de problemas e das interações sociais para a aprendizagem matemática*. Relatório Final de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciências.
- André, M. (1995). *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus Editora.
- Azevedo, Â. (1998). *Desenvolvimento Linguístico da Criança em Idade Pré-Escolar e Estimulação no Contexto Familiar*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação .
- Azevedo, Â. (1998). *Desenvolvimento Linguístico da Criança em Idade Pré-Escolar e Estimulação no Contexto Familiar*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Barreira, L. (2012). *Consciência fonológica e ensino da leitura – integração das tic no desenvolvimento de habilidades metalinguísticas*. Dissertação de Mestrado. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- Bogdan, & Biklen. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação* . Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

- Castro, S., & Gomes, I. (2000). *Dificuldades de Aprendizagem da Língua Materna*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cordeiro, M. (2014). *O livro da criança do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Costa, J. M. (2013). *Gramática Prática de Português: 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. Lisboa: Raiz Editora.
- Hinz, A. (1991). *Children's Language Acquisition*. Scholarly Paper, University of Dusseldorf.
- Laranjeira, R. (2013). *Desenvolvimento Lexical: Perspetivas e Práticas de Professores no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin. (1990). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Léssard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2005). *Investigação qualitativa: Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lourenço, A. (2013). *Transformar aprendizagens ativas em rotinas na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Relatório de estágio*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Lüdke, M., & André, M. (2005). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Machado, J. B. (1994). *Ensaio: O desenvolvimento da Sintaxe nas crianças*. Letras & Letras. Acedido a 28 de Abril de 2014, em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaio33.htm>
- Pieterse, M. (2008). *Conversas de Bebê: Ajude o seu filho a desenvolver a capacidade de comunicação desde o nascimento*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva. Obtido de: <http://www.fep.up.pt/docentes/joao/material/manualinvestig.pdf>
- Rigolet, S. A. (2000). *Os três P – Precoce, Progressivo, Positivo – Comunicação e Linguagem para uma Plena Expressão*. Porto: Porto Editora.

- Rigolet, S. A. (2006). *Para uma Aquisição Precoce e Optimizada da Linguagem*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, T. (2015). *A consciência sintática em alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico*. Relatório Final de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciências.
- Rombert, J. (2013). *O Gato Comeu-te a Língua? Exercícios, técnicas e conselhos para pais e educadores ajudarem as crianças no desenvolvimento da fala, da linguagem, da leitura e da escrita*. Lisboa: A esfera dos livros.
- Ruiz, J., & Ortega, J. (1993). *As perturbações da linguagem verbal*. Lisboa: DinaLivro.
- Seixas, M. C. P. (2007). *O Desenvolvimento da Consciência Morfológica em crianças de 5 anos*. Dissertação de Mestrado. Faro: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
- Silva, S. (2014). *Aquisição da linguagem em função do contexto. Uma análise contrastiva: creche e família*. Dissertação de Mestrado. Braga: Instituto de Educação.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sim-Sim, I. (2001). *A Formação para o Ensino da Língua Portuguesa na Educação Pré-escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.
- Sim-Sim, I. (2014). *Avaliação da Linguagem Oral: Um contributo para o conhecimento do desenvolvimento linguístico das crianças portuguesas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sim-Sim, I., Silva, A., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Simão, I. (2015). *Planeamento Estratégico numa Microempresa*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto de Educação.
- Sousa, M., & Baptista, C. (2015). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: Pactor.
- Stenberg, R. (2000). *Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre: Artmed.
- Tuckman, W. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Viana, F. (1993). *Avaliação da linguagem. Adaptação do "Bankson Language Screening Test" à população portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- Viana, F. (1998). *Da linguagem Oral à Leitura: Construção e Validação de Teste de Identificação de Competências Linguísticas*. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.

ANEXOS

ANEXO 1 – Definição verbal

Nota

Não deverá existir limitação de tempo para aplicação do subteste. Se, a pedido da criança, poderá repetir o item ou questão. A passagem ao item seguinte só deverá ocorrer depois de a criança responder (corretamente ou não) ou manifestar que não sabe a resposta ao mesmo.

Em contexto algum deverá ser dado qualquer tipo de ajuda ou chave auxiliadora da resposta.

Subteste de definição verbal¹⁴

1.Registo

Nome da criança: _____

Data de observação: _____

Idade em meses: _____

Ano de escolaridade: _____

2. Cotação Máxima: 30 Pontos

Categoria de respostas:

Definição categorial particularizada

Definição categorial

Definição percetual e/ou funcional/sinónimos

Exemplificação

Explicação genérica

Não resposta ou resposta errada

Pontuação:

2 pontos

1,5 pontos

1 ponto

0,5 pontos

0 pontos

0 pontos

3.Itens e respostas:

<u>Itens</u>	<u>Respostas da criança</u>	<u>Observações</u>	<u>Cotação</u>
1. Açúcar			
2. Águia			
3. Ave			
4. Baleia			
5. Canguru			
6. Professor			
7. Pulso			
8. Colorir			
9. Descansar			
10. Descascar			
11. Despejar			
12. Empurrar			
13. Medir			
14. Mergulhar			
15. Pegar			
		Total:	

¹⁴ Adaptado de Sim-Sim, 2014, p.61.

Exemplos de cotação de respostas dadas pelas crianças

Item	Definição categorial particularizada (2 pontos)	Definição categorial (1,5 pontos)	Definição percetual/ Enumeração de atributos (1 ponto)	Definição funcional (1 ponto)	Sinónimos/ Exemplos (1 ponto)	Exemplificação (0,5 pontos)	Explicação genérica (0 pontos)	Não resposta ou resposta errada (0 pontos)
1. Açúcar		<i>É uma comida</i>	<i>É uma coisa doce</i>	<i>Põem-se na comida para ficar mais doce</i>	<i>É uma coisa que parece sal mas é mais pequeno e branco</i>		<i>Parece sal</i>	<i>Arroz</i>
2. Águia	<i>É um pássaro que voa tem assas e penas</i>	<i>É um animal</i>	<i>Voa</i>		<i>É um pássaro</i>			
3. Ave	<i>É um animal que voa</i>	<i>É um animal</i>	<i>Voa no céu</i>		<i>É um pássaro</i>			
4. Baleia	<i>É um animal que vive na água</i>	<i>É um animal</i>	<i>Vive no mar</i>		<i>É um peixe grande com um furo nas costas para respirar</i>			<i>Golfinho</i>
5. Canguru	<i>É um animal que vive no solo e salta</i>	<i>É um animal</i>	<i>Tem uma bolsa para guardar os filhotes</i>		<i>Parece um coelho mas é maior</i>			

6. Professor	<i>Senhor que ensina</i>	<i>É um adulto</i>	<i>Pessoa que ajuda os alunos</i>	<i>Ensina</i>				
7. Pulso		<i>É uma parte do corpo</i>	<i>Coisa onde metemos os relógios e pulseiras</i>	<i>É o que segura a mão</i>	<i>É um osso</i>	<i>“É isto” (apontando para o pulso)</i>		<i>Pulseiras</i>
8. Colorir	<i>Pintar às cores</i>	<i>Pintar</i>		<i>Mudar de cor</i>	<i>Pintar os desenhos</i>			<i>O arco-íris</i>
9. Descansar		<i>Dormir</i>	<i>Fechar os olhos</i>		<i>Ir para a cama</i>			
10. Descascar	<i>Tirar a casca</i>		<i>Tirar com a faca</i>		<i>Cortar a casca da maçã</i>			
11. Despejar	<i>Deitar fora</i>				<i>É deitar água num balde ou copo</i>			
12. Empurrar					<i>Empurrar as pessoas</i>			
13. Medir	<i>Ver as nossas alturas, se somos baixos ou altos</i>			<i>Para as pessoas verem quanto medem</i>	<i>Ver a febre</i>			
14. Mergulhar	<i>Saltar para dentro de água</i>			<i>Ir ao fundo do mar</i>	<i>Mergulhar na piscina</i>			
15. Pegar	<i>Agarrar</i>				<i>Pegar em bebês</i>			

ANEXO 2 – Nomeação

Nota

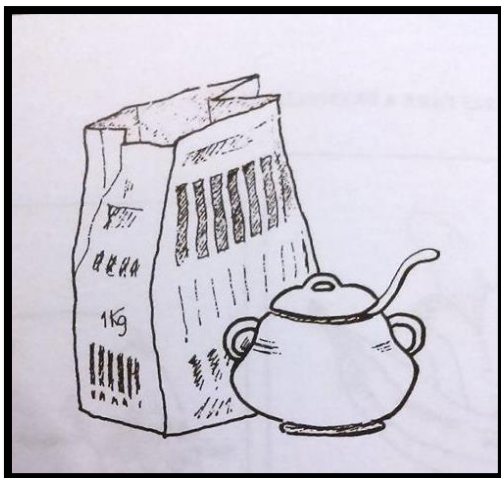
Não deverá existir limitação de tempo para aplicação do subteste. Se, a pedido da criança, poderá repetir o item ou questão. A passagem ao item seguinte só deverá ocorrer depois de a criança responder (corretamente ou não) ou manifestar que não sabe a resposta ao mesmo.

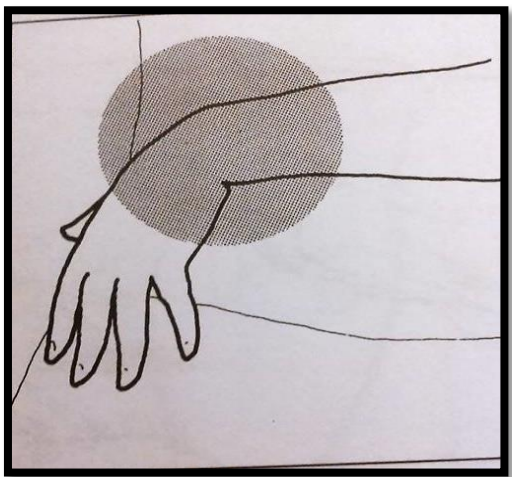
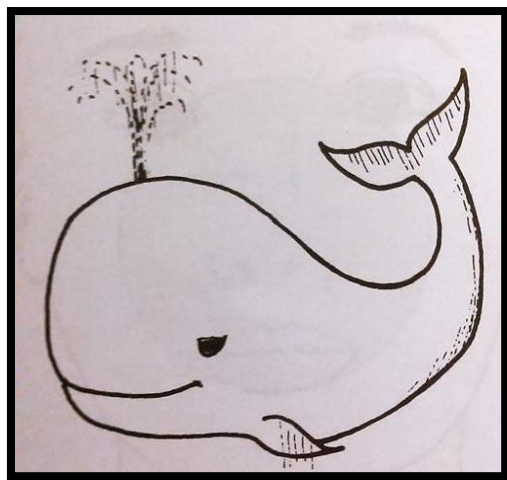
Em contexto algum deverá ser dado qualquer tipo de ajuda ou chave auxiliadora da resposta.

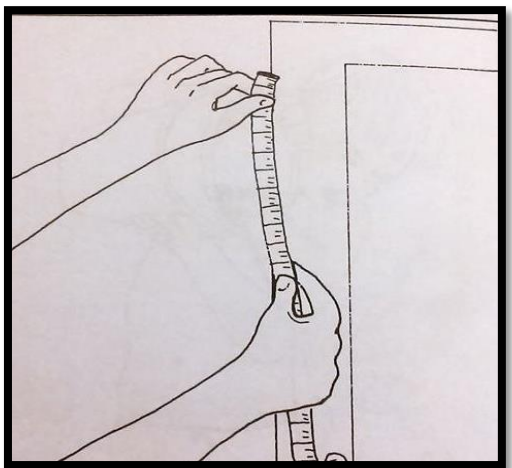
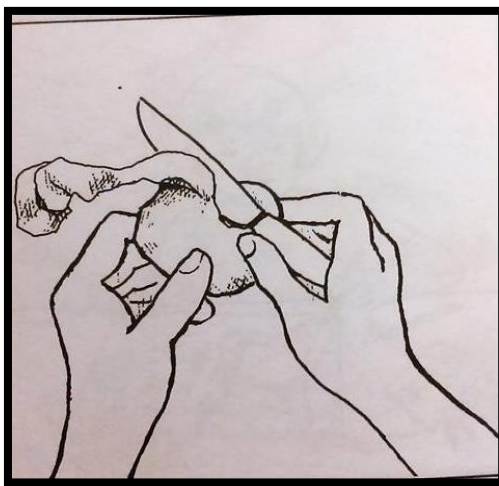
Gravura para exemplificação:



Gravuras ordenadas por sequência de apresentação:









Subteste de nomeação¹⁵

1.Registo

Nome da criança: _____

Data de observação: _____

Idade em meses: _____

Ano de escolaridade: _____

2. Cotação Máxima: 30 Pontos

Categoria de respostas:

Atribuição do rótulo correto

Designação de um atributo classificativo /

Designação de categoria de nível mais geral

Não resposta ou resposta errada

Pontuação:

2 pontos

1 ponto

0 pontos

3.Itens e respostas:

<u>Itens</u>	<u>Respostas da criança</u>	<u>Observações</u>	<u>Cotação</u>
1. Açúcar			
2. Água			
3. Ave			
4. Baleia			
5. Canguru			
6. Professor			
7. Pulso			
8. Colorir			
9. Descansar			
10. Descascar			
11. Despejar			
12. Empurrar			
13. Medir			
14. Mergulhar			
15. Pegar			
		Total:	

¹⁵ Adaptado de Sim-Sim, 2014, p.63.

Exemplos de cotação de respostas dadas pelas crianças

Item	Atribuição do rótulo correto (2 pontos)	Designação de atributo classificativo / designação de categoria mais genérica (1 ponto)	Não resposta ou resposta errada (0 pontos)
1. Açúcar	<i>Açúcar</i>		<i>Farinha com chá</i>
2. Águia	<i>Águia</i>	<i>Ave</i>	
3. Ave	<i>Ave</i>	<i>Pássaro</i>	
4. Baleia	<i>Baleia</i>		<i>Golfinho</i>
5. Canguru	<i>Canguru</i>		
6. Professor	<i>Professor</i>	<i>Ensinar pessoas</i>	
7. Pulso	<i>Pulso</i>	<i>Mão</i>	
8. Colorir	<i>Colorir</i>	<i>Pintar</i>	<i>Pessoa a fazer comida</i>
9. Descansar	<i>Descansar</i>	<i>Dormir</i>	<i>Senhora na praia</i>
10. Descascar	<i>Descascar</i>	<i>Cortar coisas</i>	<i>Passarinho na mão do senhor</i>
11. Despejar	<i>Despejar</i>	<i>Esvaziar o balde</i>	
12. Empurrar	<i>Empurrar</i>		
13. Medir	<i>Medir</i>	<i>Ver a altura</i>	
14. Mergulhar	<i>Mergulhar</i>	<i>Saltar</i>	<i>Nadar</i>
15. Pegar	<i>Pegar</i>		<i>Ler</i>

ANEXO 3 – COMPREENSÃO DE ESTRUTURAS COMPLEXAS

Nota

Não deverá existir limitação de tempo para aplicação do subteste. Se, a pedido da criança, poderá repetir o item ou questão. A passagem ao item seguinte só deverá ocorrer depois de a criança responder (corretamente ou não) ou manifestar que não sabe a resposta ao mesmo.

Em contexto algum deverá ser dado qualquer tipo de ajuda ou chave auxiliadora da resposta.

Subteste de compreensão de estruturas complexas¹⁶

1.Registo

Nome da criança: _____

Data de observação: _____

Idade em meses: _____

Ano de escolaridade: _____

2. Cotação Máxima: 10 Pontos

Atribuição de 1 ponto a cada resposta certa e 0 a cada resposta errada

3.Itens e respostas:		
<u>Itens</u>	<u>Respostas da criança</u>	<u>Cotação</u>
1.		
2.		
3.		
4.		
5.		
6.		
7.		
8.		
9.		
10.		
Total:		

¹⁶ Adaptado de Sim-Sim, 2014, p.65.

Exemplos de cotação de respostas dadas pelas crianças

Item	Resposta correta (1 ponto)	Não resposta ou resposta errada (0 pontos)
1. O carro vermelho da mãe teve um furo. • De que cor é que é o carro da mãe?	<i>Vermelho</i>	
2. O locutor anunciou o premio mais importante. • O que é que o locutor anunciou?	<i>O prémio mais importante</i>	<i>Uma medalha</i>
3. Hoje ou vamos à feira ou vamos ao jardim. • Onde é que vamos hoje?	<i>À feira ou ao jardim</i>	<i>À escola</i>
4. Os eucaliptos que vimos no nosso passeio eram mais altos do que os castanheiros. • Quais é que eram as árvores mais altas?	<i>Os eucaliptos</i>	<i>As que têm folhas</i>
5. O pai autorizou os meninos a irem ao cinema. • Quem é que foi ao cinema?	<i>Os meninos</i>	<i>O pai, os filhos e a mãe</i>
6. Nem o Miguel chegou nem o João saiu. • Quem é que não chegou?	<i>O Miguel</i>	<i>A mãe</i>
7. A menina que estava a falar com a Marta tinha um vestido azul. • Quem é que tinha um vestido azul?	<i>A menina que estava a falar com a Marta</i>	<i>A Marta</i>
8. Quando a professora chegou à escola ainda a Rita não estava na sala. • Quem é que chegou primeiro à escola?	<i>A professora</i>	<i>O Afonso</i>
9. A mãe pediu ao André que fosse com ela ao supermercado. • Quem foi ao supermercado?	<i>A mãe e o André</i>	<i>O João</i>
10. O cão do meu vizinho ladra sempre que me vê chegar da escola. • Quando é que o cão do meu vizinho ladra?	<i>Quando me vê a chegar da escola</i>	<i>Na rua</i>

ANEXO 4 – COMPLEMENTO DE FRASES

Nota

Não deverá existir limitação de tempo para aplicação do subteste. Se, a pedido da criança, poderá repetir o item ou questão. A passagem ao item seguinte só deverá ocorrer depois de a criança responder (corretamente ou não) ou manifestar que não sabe a resposta ao mesmo.

Em contexto algum deverá ser dado qualquer tipo de ajuda ou chave auxiliadora da resposta.

Subteste de complemento de frases¹⁷

1.Registo

Nome da criança: _____

Data de observação: _____

Idade em meses: _____

Ano de escolaridade: _____

2. Cotação Máxima: 11 Pontos

Atribuição de 1 ponto a cada resposta certa e 0 a cada resposta errada

3.Itens e respostas:		
<u>Itens</u>	<u>Respostas da criança</u>	<u>Cotação</u>
1.		
2.		
3.		
4.		
5.		
6.		
7.		
8.		
9.		
10.		
11.		
Total:		

¹⁷ Adaptado de Sim-Sim, 2014, p.67.

Exemplos de cotação de respostas dadas pelas crianças

Item	Resposta correta (1 ponto)	Não resposta ou resposta errada (0 pontos)
12. A Rita comeu um bolo e o Tiago comeu dois bolos. Eles comeram três _____.	<i>Bolos</i>	<i>Quatro</i>
13. O Bruno estava a ver na televisão um _____ de terror.	<i>Filme</i>	<i>Teve medo</i>
14. A manteiga que eu pus na _____ era saborosa.	<i>Torrada</i>	<i>Pão</i>
15. Ao pequeno-almoço misturei o leite com o _____.	<i>Café/chocolate/chá</i>	
16. O pai levou as duas bicicletas. A bicicleta azul é da Joana e _____ bicicleta amarela é do Jorge.	<i>A</i>	<i>As duas</i>
17. Os rapazes e raparigas daquela escola fizeram uma festa de natal. Eles usaram chapéus verdes e _____ usaram chapéus vermelhos.	<i>Elas</i>	<i>Balões</i>
18. Eu tenho vários livros de música. São os _____ livros preferidos.	<i>Meus</i>	
19. Tu tens uma bola e eu tenho uma raqueta. É a tua bola e a _____ raqueta.	<i>Minha</i>	<i>Da Joana</i>
20. Os _____ pais não me deixam deitar depois das 10 horas da noite.	<i>Meus</i>	
21. Um homem que canta é um _____.	<i>Cantor</i>	<i>Pai</i>
22. O homem que faz o pão é um _____.	<i>Padeiro</i>	<i>Cozinheiro</i>

ANEXO 5 – REFLEXÃO MORFOSSINTÁTICA

Nota

Não deverá existir limitação de tempo para aplicação do subteste. Se, a pedido da criança, poderá repetir o item ou questão. A passagem ao item seguinte só deverá ocorrer depois de a criança responder (corretamente ou não) ou manifestar que não sabe a resposta ao mesmo.

Em contexto algum deverá ser dado qualquer tipo de ajuda ou chave auxiliadora da resposta.

Neste subteste em particular, quando a criança repete a frase dita inicialmente deveremos questioná-la se a mesma se apresenta corretamente ou incorretamente. Se a criança responder que a frase esta incorreta deveremos perguntar-lhe “onde?” e pedir, de seguida, que diga a frase de forma correta (como pensa ser o mais correto).

Subteste de reflexão morfossintática¹⁸

1.Registo

Nome da criança: _____

Data de observação: _____

Idade em meses: _____

Ano de escolaridade: _____

2. Cotação Máxima: 28 Pontos

Itens reais

Categoria de respostas:	Pontuação:
Não resposta	0 pontos
Repetição corrigida	0,5 pontos
Repetição exata	1 ponto
Detenção do erro	1 ponto
Correção	1 ponto

Nota: a pontuação de cada item real corresponde ao somatório das diversas alíneas das instruções de aplicação, sendo de 3 pontos o máximo possível; só deverá ser atribuída a pontuação referente à indicação de que a frase está incorreta (detecção do erro) se a criança indicar onde se situa a incorreção.

Itens de controlo

Categoria de respostas:	Pontuação:
Não resposta	0 pontos
Repetição corrigida	0,5 pontos
Repetição exata	1 ponto
Avaliação da correção	1 ponto

Nota: a pontuação de cada item de controlo corresponde ao somatório das duas primeiras alíneas das instruções de aplicação, sendo de 2 pontos o máximo possível (repetição e avaliação da correção).

3.Itens e respostas:

<u>Itens</u>	<u>Repetição</u>		<u>Deteção do erro</u>		<u>Correção</u>		<u>Cotação</u>
	<u>Corrigida</u>	<u>Exata</u>	<u>Sim</u>	<u>Não</u>	<u>Certa</u>	<u>Errada</u>	
11. Amanhã o Tiago foi à praia com os pais.							
12. Os óculos da Maria era cinzento.							
13. As girafas têm um pescoço comprido.*							
14. muro cavalo o saltou o.							
15. O amarelo, o verde e o azul é uma cor.							
16. Se no domingo está bom tempo, vou à praia.							
17. A gente ganhámos a aposta.							
18. com mexe a comida a colher a mãe.							
19. Ao Jorge dado foi um prémio.							
20. Os pais deram ao Jorge e à Joana um presente.*							
Total:							

¹⁸ Adaptado de Sim-Sim, 2014, p.69.

**ANEXO 6 – SEGMENTAÇÃO E RECONSTRUÇÃO SEGMENTAL:
BLOCO A**

Nota

Não deverá existir limitação de tempo para aplicação do subteste. Se, a pedido da criança, poderá repetir o item ou questão. A passagem ao item seguinte só deverá ocorrer depois de a criança responder (corretamente ou não) ou manifestar que não sabe a resposta ao mesmo.

Em contexto algum deverá ser dado qualquer tipo de ajuda ou chave auxiliadora da resposta.

Subteste segmentação e reconstrução segmental: Bloco A¹⁹

1.Registo

Nome da criança: _____

Data de observação: _____

Idade em meses: _____

Ano de escolaridade: _____

2. Cotação Máxima: 10 Pontos

Atribuição de 1 ponto a cada resposta certa e 0 a cada resposta errada

3.Itens e respostas:		
<u>Itens</u>	<u>Respostas da criança</u>	<u>Cotação</u>
1. CA-MA		
2. POR-TA		
3. BLO-CO		
4. BAN-CO		
5. SA-PA-TO		
6. MA-CA-CO		
7. CÃO		
8. SA-PA-TEI-RO		
9. CA-NI-VE-TE		
10. CA-BE-LEI-REI-RA		
Total:		

¹⁹ Adaptado de Sim-Sim, 2014, p.71.

**ANEXO 7 – SEGMENTAÇÃO E RECONSTRUÇÃO SEGMENTAL:
BLOCO B**

Nota

Não deverá existir limitação de tempo para aplicação do subteste. Se, a pedido da criança, poderá repetir o item ou questão. A passagem ao item seguinte só deverá ocorrer depois de a criança responder (corretamente ou não) ou manifestar que não sabe a resposta ao mesmo.

Em contexto algum deverá ser dado qualquer tipo de ajuda ou chave auxiliadora da resposta.

Subteste segmentação e reconstrução segmental: Bloco B²⁰

1.Registo

Nome da criança: _____

Data de observação: _____

Idade em meses: _____

Ano de escolaridade: _____

2. Cotação Máxima: 10 Pontos

Atribuição de 1 ponto a cada resposta certa e 0 a cada resposta errada

3.Itens e respostas:		
<u>Itens</u>	<u>Respostas da criança</u>	<u>Cotação</u>
1. CH-Ã		
2. V-I		
3. S-Ó		
4. S-U-L		
5. CH-A-VE		
6. V-E-J-O		
7. V-I-A-G-E-M		
8. J-O-V-E-M		
9. S-A-CH-O		
10. S-I-F-ÃO		
Total:		

²⁰ Adaptado de Sim-Sim, 2014, p.73.

**ANEXO 8 – SEGMENTAÇÃO E RECONSTRUÇÃO SEGMENTAL:
BLOCO C**

Nota

Não deverá existir limitação de tempo para aplicação do subteste. Se, a pedido da criança, poderá repetir o item ou questão. A passagem ao item seguinte só deverá ocorrer depois de a criança responder (corretamente ou não) ou manifestar que não sabe a resposta ao mesmo.

Em contexto algum deverá ser dado qualquer tipo de ajuda ou chave auxiliadora da resposta.

Subteste segmentação e reconstrução segmental: Bloco C²¹

1.Registo

Nome da criança: _____

Data de observação: _____

Idade em meses: _____

Ano de escolaridade: _____

2. Cotação Máxima: 10 Pontos

Atribuição de 1 ponto a cada resposta certa e 0 a cada resposta errada

3.Itens e respostas:		
<u>Itens</u>	<u>Respostas da criança</u>	<u>Cotação</u>
1. BOLA		
2. PÁ		
3. SAPATO		
4. PORTA		
5. MACACO		
6. SAPATEIRO		
7. SABONETE		
8. PIPAROTE		
9. CABELEIREIRA		
10. SAL		
Total:		

²¹ Adaptado de Sim-Sim, 2014, p.76.

**ANEXO 9 – SEGMENTAÇÃO E RECONSTRUÇÃO SEGMENTAL:
BLOCO D**

Nota

Não deverá existir limitação de tempo para aplicação do subteste. Se, a pedido da criança, poderá repetir o item ou questão. A passagem ao item seguinte só deverá ocorrer depois de a criança responder (corretamente ou não) ou manifestar que não sabe a resposta ao mesmo.

Em contexto algum deverá ser dado qualquer tipo de ajuda ou chave auxiliadora da resposta

Subteste segmentação e reconstrução segmental: Bloco D²²

1.Registo

Nome da criança: _____

Data de observação: _____

Idade em meses: _____

Ano de escolaridade: _____

2. Cotação Máxima: 10 Pontos

Atribuição de 1 ponto a cada resposta certa e 0 a cada resposta errada

3.Itens e respostas:		
<u>Itens</u>	<u>Respostas da criança</u>	<u>Cotação</u>
1. CHÁ		
2. VI		
3. SÓ		
4. SUL		
5. CHAVE		
6. VEJO		
7. VIAGEM		
8. JOVEM		
9. SACHO		
10. SIFÃO		
Total:		

²² Adaptado de Sim-Sim, 2014, p.77.